

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
**LARA MEDEIROS BORGES PEREIRA**

**“SOBRE AS AFASIAS”:**  
**CONCEITOS FUNDAMENTAIS EM UM ESTUDO DE AFASIA VERBAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

Campinas  
2011

Este exemplar é a redação final da  
tese / dissertação aprovada pela  
Comissão de Exame de Tese / Dissertação

27 / 06 / 2011  
Mazdade Coudry

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

P414s

Pereira, Lara Medeiros Borges.

“Sobre as Afasias”: conceitos fundamentais em estudo de afasia verbal / Lara Medeiros Borges Pereira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Maria Irma Hadler Coudry.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 – Crítica e interpretação. 2. Neurolinguística discursiva. 3. Afasia verbal. I. Coudry, Maria Irma Hadler. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: "On Aphasia": Fundamental concepts in a study of verbal aphasia.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Discursive Neurolinguistics; Verbal aphasia; Freud.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (orientadora), Profa. Dra. Alessandra Caneppele e Profa. Dra. Sonia Maria Sellin Bordin. Suplentes: Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire e Profa. Dra. Elenir Fedosse.

Data da defesa: 28/04/2011.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Irma Hadler Coudry

Alessandra Caneppele

Sonia Maria Sellin Bordin

*Maria Irma Hadler Coudry*  
*Alessandra Caneppele*  
*Sonia Maria Sellin Bordin*

Fernanda Maria Pereira Freire

Elenir Fedosse

IEL/UNICAMP  
2011

Este trabalho é dedicado aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

À orientadora desta dissertação de mestrado, Professora Maria Irma Hadler Coudry, a Maza, por tudo o que me ensinou e por ter me orientado neste trabalho.

Às professoras Alessandra Caneppele e Sonia Sellin Bordin, por terem aceitado participar da banca examinadora de minha dissertação.

À orientadora do meu trabalho de iniciação científica, Professora Regina Maria de Souza, pelos ensinamentos em Psicanálise e Freud, onde tudo começou.

À professora Rosana do Carmo Novaes Pinto, por ter guiado meus primeiros passos na Neurolinguística e por me incentivar a prosseguir nesse caminho.

À professora Maria Rita Salzano pela simpatia e acolhimento em suas disciplinas sobre Psicanálise.

Aos membros do CCA, por, ao me permitirem compartilhar um pouco de suas vidas, compreender, ademais das patologias, o quão grandioso um ser humano pode se revelar perante elas.

Ao sujeito WW, pelo aprendizado que me proporcionou.

À CAPES, pela colaboração para que eu me dedicasse exclusivamente a esse trabalho.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do IEL, pela solicitude e prontidão com que sempre me atenderam.

A Tati e Marcela, pela inspiração, já no ensino médio, na escolha pelos estudos da linguagem.

À Marília, pela amizade e pelo primeiro incentivo a percorrer os caminhos de uma vida acadêmica, já nos tempos da graduação.

À Maíra, que também me incentivou a fazer o mestrado, pela amizade e conselhos na época do estágio, bem como na finalização desse trabalho.

À Fernanda, pelo suporte e torcida pela minha entrada no doutorado.

A minha amiga Talita, pela amizade e companheirismo desde... sempre, sem a qual minha trajetória por esta vida não teria sido a mesma.

A Ruy e Cláudia, pelo carinho, presença e incentivo em minha vida, sobretudo acadêmica e profissional, desde os tempos da pré-escola.

A minhas avós, Rosa e Tina, pelo cuidado, carinho e aconchego que sempre me proporcionaram.

Ao meu irmão Alan, cuja vida antes dele já nem lembro como era...

Ao Cadu, porque *tu és, sou e somos... E por amor serás... serei... seremos...*

Ao meu pai, Mario Sergio, pelo amor, confiança, estímulo e exemplos inigualáveis dados ao longo da minha vida.

A minha mãe, Dione, pelo amor incondicional que me dispensa desde antes de eu nascer, por todo o apoio, suporte e carinho em todos os momentos e minutos da minha existência.

A Deus, sobretudo, por acreditar em mim.

*“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar numa alma humana, seja apenas outra alma humana”.*

Carl Gustav Jung.

## RESUMO

Orientado pela abordagem teórica e metodológica da Neurolinguística Discursiva (ND), este trabalho apresenta um estudo acerca dos conceitos fundamentais da obra *Sobre as Afasias* (Zur Auffassung der Aphasien), de Sigmund Freud, à luz da qual é apresentado um estudo de afasia verbal.

A partir do estudo crítico realizado por Freud, são destacadas, nesta dissertação, temáticas tais como seu percurso enquanto neurofisiologista, a influência das ideias de Hughlings Jackson e Stuart Mill na criação de sua teoria sobre as afasias, bem como questões acerca do aparelho de linguagem esquematizado por ele, fundamental para a compreensão de tais fenômenos.

Posteriormente, é apresentado um conjunto de dados – e sua análise – do sujeito WW, o qual tem, segundo a classificação de Freud, uma afasia verbal. Os dados foram obtidos em sessões coletivas semanais do Grupo II do CCA (Centro de Convivência de Afásicos) e em sessões individuais de acompanhamento linguístico de WW, orientados pela metodologia heurística que caracteriza a relação entre sujeitos e linguagem empreendida pela ND. Foram realizadas práticas com a linguagem em situações discursivas – envolvendo o eixo fala, leitura e escrita – tendo como objetivo levantar questões sobre as dificuldades linguísticas e psíquicas do sujeito em questão, no exercício da linguagem.

NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA – AFASIA VERBAL – FREUD

## ABSTRACT

Guided by the theoretical and methodological approach of Discursive Neurolinguistics (ND), this work presents a study of fundamental concepts of the work *On Aphasia* (Zur Auffassung der Aphasien), of Sigmund Freud, in the light of what is presented a study of verbal aphasia.

From the critical study carried out by Freud, are highlighted in this dissertation topics such as his journey as a neurophysiologist, the influence of the ideas of Hughlings Jackson and Stuart Mill in creating his theory of aphasia, as well as questions about language device outlined by him, essential to the understanding of such phenomena.

Subsequently, we present a set of data – and analysis – of the subject WW, which has, according to the classification of Freud, a verbal aphasia. The data analyzed here were obtained in dialogic episodes occurred in weekly sessions of Group II of the CCA (Center for Coexistence of Aphasics) and in individual sessions accompanying the language of the subject WW, guided by the heuristic methodology that characterizes the relationship between subject and language undertaken by ND. Practices were conducted with the language in discursive situations – involving the axis speaking, reading and writing – aiming to raise questions about the linguistic and psychological difficulties of the subject in question, in the exercise of language.

DISCURSIVE NEUROLINGUISTICS – VERBAL APHASIA – FREUD

## SUMÁRIO

Introdução.....	11
CAPÍTULO I: Freud – neurofisiologista – e seus estudos sobre as afasias.....	16
I. a. Breve retomada do percurso de Freud neurofisiologista.....	16
I. b. A crítica aos modelos localizacionistas.....	18
I. c. Influências de Hughlings Jackson no pensamento de Freud.....	21
CAPÍTULO II: O aparelho de linguagem concebido por Freud.....	26
II. a. A palavra como unidade funcional da fala.....	26
II. b. O esquema psicológico da representação de palavra.....	27
II. c. Influências de Stuart Mill no pensamento de Freud.....	29
CAPÍTULO III: O caso WW.....	37
III. a. Breve histórico do sujeito WW.....	37
III. b. A afasia verbal de WW à luz de <i>Sobre as Afasias</i> .....	39
III. c. Dados e suas análises.....	44
Considerações finais.....	69
Referências bibliográficas.....	74

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado<sup>1</sup> se vincula à perspectiva da Neurolinguística de tradição discursiva<sup>2</sup>, a qual considera fortemente os processos de significação e subjetivação dos sujeitos, instituindo um novo olhar para orientar a empreitada heurística de conhecer as dificuldades associadas à afasia. Com base em Coudry (1986; 1996), Bordin (2010) argumenta que *esse tipo de metodologia, heurística, privilegia a interação entre investigador e sujeito e se diferencia da busca pela falta e pelo dado-evidência, foco da Neurolinguística Tradicional*. (Bordin, 2010: 38). Ainda de acordo com a autora, o método adotado pela ND se configura, sobretudo, pelo olhar que dirige à linguagem, ao sujeito e à história deste, na confluência de teorias que se posicionam como críticas,

sendo que a opção por essa posição metodológica repousa na constatação de que se abre ao novo em oposição a qualquer determinismo, porque permite que tanto o investigador quanto o sujeito em acompanhamento ocupem lugares de constituição de sentidos na interlocução – e, justamente por isso, esses lugares se tornam novos quando desestabilizados pela recusa determinística. (BORDIN, 2010: 38).

Como afirma Zaniboni (2007):

Nessa proposta [da ND], não há a negação das questões orgânicas envolvidas com o funcionamento da linguagem do cérebro lesado. A diferença é que, além dessas questões, preocupa-se, também, com os processos linguísticos e psíquicos desses sujeitos, levando-se em consideração os múltiplos aspectos que os configuram como um ser único, tais como a cultura, sua história, suas crenças e seus valores. (ZANIBONI, 2007: 14).

Retornando brevemente a uma análise sobre o objeto de estudo da Neurolinguística, uma das áreas mais recentes dentro do campo da Linguística e que também tange às neurociências, é válido ressaltar que, entre as diversas temáticas abordadas por esse campo,

---

<sup>1</sup> Essa dissertação vincula-se ao Projeto: "Neurolinguística Discursiva: práticas com a linguagem e banco de dados" avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer CEP 326/2008).

<sup>2</sup> A *Neurolinguística Discursiva* pressupõe uma *variação funcional do cérebro determinada pela contextualização histórica dos processos linguístico-cognitivos* (Vygotsky 1984, 1987; Luria 1979; Coudry e Morato 1988, 1990), o que a afasta de uma *visão de funcionamento cerebral médio, padrão, por ser desprovida de sentido, a-histórica e idealizada*. (COUDRY e FREIRE, 2011: 01).

merece relevância o estudo da relação entre o cérebro/mente e os processos psicológicos básicos e patológicos, como por exemplo, aqueles causados por lesões cerebrais, AVCs isquêmicos e hemorrágicos e traumatismos crânio-encefálicos, além de doenças neurodegenerativas, e o seu impacto na linguagem.

Dado esse contexto, o objetivo deste trabalho é o estudo de conceitos fundamentais da obra *Sobre as Afasias*<sup>3</sup> (Zur Auffassung der Aphasien), de Sigmund Freud, à luz da qual é apresentado um caso de afasia verbal. A escolha pelo estudo dessa obra se deu a partir da observação de que são muitas as aproximações possíveis entre a teoria desenvolvida por Freud para lidar com a afasia e os pressupostos da ND a esse respeito.

Dentre essas aproximações, destacam-se as concepções de cérebro e sujeito que levam em consideração a vida social e cultural do indivíduo, defendida, no âmbito da ND, também por Vygostky e Luria; a visão jacksoniana do cérebro como um órgão de funcionamento holístico e de base cognitiva e psicológica – um cérebro que, tendo seu funcionamento modificado por uma lesão revela funcionamentos não percebidos no estado normal, bem como a identificação entre o que Coudry (1986) denomina *processo alternativo de significação*, realizado pelo sujeito afásico, a partir de sua própria história de vida, com o que Freud (1891/1973) designa *processo de estratificação* da memória, a partir de suas camadas de transcrições e retranscrições, o que justifica a noção de afasia não como perda, mas sim, dificuldade de acesso e possibilidade de rearranjos ao longo do acompanhamento longitudinal. Também são pontos em comum entre as duas teorias a presença de alterações de fala e linguagem como comuns a processos normais e patológicos, bem como o fato de o enunciado do afásico ser considerado como possibilidade de sentido.

Os *dados* - aqueles que resultam da articulação entre teorias sobre o objeto investigado e a prática clínica (Coudry, 1996) – aqui apresentados e analisados foram obtidos em episódios de interação entre sujeitos afásicos e não-afásicos ocorridos semanalmente no grupo II do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), vinculado ao Laboratório de Neurolinguística

---

<sup>3</sup> Foi decidido, neste trabalho, traduzir o título da obra original em alemão *Zur Auffassung der Aphasien* por *Sobre as Afasias* devido à inexatidão da tradução do termo *Auffassung*, que significa “visão, concepção, opinião”, por “interpretação”, utilizado na tradução em português de Portugal. Na tradução em espanhol, utilizada como referência principal neste trabalho por apresentar maior consistência terminológica com relação à obra original, o título foi traduzido como *La Afasia*. As citações da referida obra apresentadas daqui em diante foram traduzidas do espanhol para o português por mim.

(LABONE) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry. Tais episódios são fundamentais para que se observem tanto as dificuldades dos sujeitos afásicos como os processos alternativos de significação por eles utilizados. (Coudry, 1986). Esses processos, nos dias de hoje, significam os caminhos utilizados pelo sujeito para dizer alternativamente o que não consegue por vias “normais”. Como afirma Coudry (*op. cit.*):

... Trata-se sobretudo de apreender na linguagem (mesmo quando fragmentária) do afásico os modos pelos quais ele organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades [...] Não se pode, porém, chegar à posição radical insustentável de que essa significação se produz sem expressões linguísticas, ou que essas expressões se produzem sem regras construídas em uma práxis histórica e social: um discurso sem discurso. (COUDRY, 1986: 78).

Contrariamente às abordagens tradicionais utilizadas para o tratamento da afasia, sobretudo na clínica neuropsicológica e fonoaudiológica, no CCA não são utilizados testes para avaliação da linguagem do sujeito, nem são propostas situações descontextualizadas para a observação e vivência sistemática daquilo que o afásico não consegue falar ou fazer. Ao contrário, o foco é naquilo que o sujeito consegue expressar, olhar e captar, propondo um rearranjo<sup>4</sup> desses processos. Para tanto, são estabelecidas situações em que há negociação de sentidos e conhecimentos não-partilhados, que ocorrem sempre em práticas significativas entre os participantes, como o relato das atividades realizadas durante a semana, a partir da leitura da agenda de cada um onde tais atividades são anotadas, leitura de jornais e discussão dos principais acontecimentos da semana, entre outros. As práticas com a linguagem que os sujeitos experienciam envolvem ainda a fala em condições dialógicas, a leitura e a discussão da mídia escrita, a discussão da mídia falada, a dramatização de cenas cotidianas, jogos envolvendo o raciocínio e o corpo, uso do computador para diversos fins, escrita individualizada e em conjunto, atividades de culinária e lanche comunitário, passeios, visitas a museus e exposições.

Como afirma Perottino (2009):

---

<sup>4</sup> Na carta 52 dirigida a seu amigo Fliess a respeito de sua obra sobre as afasias, Freud afirma “que nossos mecanismos psíquicos teriam se formado por um processo de estratificação em que o material presente, em forma de traços da memória, estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição”. Ele afirma, a seguir, que a afasia apresenta um tipo parecido de rearranjo (da periferia para o córtex) que supõe que os diferentes registros também estejam separados (não necessariamente segundo o aspecto topográfico) de acordo com os neurônios que são seus veículos.

Um dos pontos fundamentais da proposta da ND é o fato de se centrar no uso social da linguagem, em práticas com a linguagem usuais entre os falantes. Nas situações interativas entre afásicos e não-afásicos fica evidente que, diante de usos não convencionais ou normativos de determinados enunciados, o afásico é colocado na posição de um usuário da língua. Sua fala é reconhecida como pertencente à língua que partilha com outros, mesmo que o sujeito venha a ser solicitado para ajustar ou refazer seus enunciados em prol da continuidade do discurso. (PEROTTINO, 2009: 87).

A obra *Sobre as Afasias*, concluída em 1891, é considerada por diversos autores como a primeira de uma extensa série de trabalhos teóricos desenvolvidos pelo até então jovem fisiologista Sigmund Freud, consistindo em um estudo crítico que permitiu inúmeras possibilidades de articulação com as teorizações a respeito da neurologia e afasiologia da época, bem como dos dias atuais.

Como nos lembra Carvalho (2001) a partir dos apontamentos de Stengel (1973), *Sobre as Afasias* tornou-se conhecida à época de sua publicação apenas por um seleto grupo de estudiosos, sendo pouco comentada e permanecendo no esquecimento geral durante muitos anos, tomada simplesmente como apenas mais uma entre as diversas publicações pré-psicanalíticas de Freud<sup>5</sup>. O próprio afirmou que os estudos sobre as afasias eram parte de seus trabalhos neurológicos, não devendo, portanto, ser incluídos em sua obra psicanalítica.

Ainda segundo Carvalho (*op. cit.*), o mérito de *Sobre as Afasias* não está em um caráter de originalidade em termos de prática clínica, dado que a obra apresenta uma espécie de compilação acerca das ideias dos principais neurologistas da época de Freud, tais como Meynert, Bastian, Charcot, Wernicke, Lichtheim, Grashey e Jackson. O grande mérito de Freud está no fato de articular com maestria o pensamento desses autores, rejeitando e criticando fortemente muitas de suas ideias e assumindo outras, no intuito de formular sua própria interpretação das afasias, além de elaborar uma teorização a respeito do funcionamento do cérebro juntamente com os conceitos de aparelho psíquico e aparelho de linguagem.

---

<sup>5</sup> Como comenta Sacks (2000): “Mais ou menos ignorada na publicação, *Sobre as Afasias* permaneceu virtualmente desconhecida e ignorada por muitos anos - mesmo a maior monografia de Head sobre a afasia, publicada em 1926, não faz qualquer referência a ela - e foi traduzida em inglês somente em 1953. O próprio Freud falou da obra como ‘um respeitável fracasso’, contrastando-o com a recepção de seu livro sobre as paralisias cerebrais infantis. ‘Há algo cômico sobre a incongruência entre a estimativa de si mesmo e a de outras pessoas sobre seu trabalho. Olhe para meu livro sobre as diplegias, que eu reuni quase casualmente, com o mínimo de interesse e empenho. Foi um grande sucesso... Mas, para as coisas realmente boas, como ‘Afasia’, ‘Idéias obsessivas’, que aparentemente virão a público em breve, e a etiologia e teoria das neuroses a caminho, eu não posso esperar mais do que um respeitável fracasso’”. (FREUD, *apud* SACKS, 2000).

É importante ressaltar que Freud formou-se na Universidade de Viena, tendo sido aluno de Brücke, Meynert e, posteriormente, de Brentano e que, depois, passou a desenvolver seus estudos e trabalhos na França, impressionando-se grandemente com Charcot e os casos de histeria em Salpêtrière<sup>6</sup>. O contato com as idéias de Charcot e a experiência adquirida no hospital são de fundamental importância para Freud, que observa, a partir do estudo das histerias, a relevância dos processos mentais de representação nesse estado patológico dos sujeitos, assim como no caso das afasias.

Em *Sobre as Afasias* Freud postula que as variações nas faculdades psicológicas são regidas por leis de funcionamento próprias, e não pelas leis da anatomia cerebral, sendo que as síndromes psicológicas devem ser descritas e explicadas em seus próprios termos psicológicos. Ele acredita, ainda, que as faculdades psicológicas não são destruídas por lesões localizadas no cérebro, mas sim distorcidas e modificadas dinamicamente, revelando sua conexão com outras faculdades.

Nessa perspectiva, o psíquico é produto de sistemas funcionais dinâmicos capazes de se organizar e se adaptar a contextos variáveis, devendo, portanto, ser concebido como algo distribuído entre os elementos estáticos do sistema nervoso, não podendo ser localizado em regiões anatômicas restritas.

Nossas considerações nos levaram a atribuir certo tipo clínico de transtorno da linguagem a uma mudança no estado funcional do aparelho de linguagem, e não a uma interrupção localizada de uma via. (FREUD, 1891/1973: 45).

Com isso, Freud adere a uma linhagem de estudos neurológicos diversa daquela na qual fora formado. Como afirma Ferenczi no capítulo dedicado à formação psicanalítica em suas obras completas:

Sabemos que o extraordinário progresso da biologia acarretou uma desvalorização de tudo o que é psíquico; no plano científico, um dos principais méritos de Freud é o de se ter corajosamente oposto aos excessos dos fanáticos da objetividade, e o de ter levado em conta a realidade psíquica simultaneamente com a realidade física. (FERENCZI, 1927/1992: 210).

---

<sup>6</sup> Antiga espécie de “prisão” para manter afastados marginais, foras-da-lei, mendigos, prostitutas e doentes mentais. Na Revolução Francesa foi tomado pelo povo, que os libertou, passando a ser um hospital psiquiátrico com uma ala feminina, que contou com o trabalho de Charcot.

## CAPÍTULO I: Freud – neurofisiologista – e seus estudos sobre as afasias

### I. a. Breve retomada do percurso de Freud neurofisiologista

Freud é amplamente conhecido como o pai da psicanálise, mas pouco se fala a respeito dos vinte anos (1876-1896) durante os quais ele foi, sobretudo, um grande neurologista e fisiologista, sendo que o próprio Freud raramente se referiu a eles mais tarde. Porém, como afirma Sacks (2000) – em cuja obra *A outra estrada – Freud como neurologista* me basearei na escrita desse breve percurso sobre os estudos neurológicos de Freud – sua vida enquanto neurologista e fisiologista é a precursora da sua vida psicanalítica e, talvez, uma chave essencial para ela.

Em seu estudo autobiográfico <sup>7</sup>, de 1925, Freud relata que sua paixão e extremo interesse pelas teorias evolucionistas de Darwin o fazem decidir estudar medicina. Já em seu primeiro ano na universidade, frequenta ativamente cursos sobre biologia e darwinismo oferecidos por Ernst Haeckel, bem como palestras e aulas dadas pelo fisiologista Ernst Wilhelm von Brücke. Dois anos depois, ansioso por realizar algo concreto, Freud pergunta a Brücke se poderia trabalhar com ele em seu laboratório. Embora, como Freud escreveria mais tarde, já tivesse pressentido que o cérebro e a mente humanos poderiam ser os assuntos mais importantes de suas investigações, ele estava intensamente curioso, após ter lido Darwin, sobre as primeiras formas e origens dos sistemas nervosos, e desejava primeiramente ter uma noção de suas lentas evoluções.

Brücke sugere que Freud observe o sistema nervoso de um peixe muito primitivo, o *Petromyzon*, ou lampréia, em particular as curiosas células *Reissner*, agrupadas próximas à medula espinhal. Essas células vinham atraindo sua atenção desde a época de estudante, quarenta anos antes, mas sua natureza e função nunca haviam sido compreendidas. Freud consegue detectar as precursoras destas células na forma larval da lampréia e demonstra que elas são homólogas às células ganglionares da espinha posterior de um peixe superior – uma descoberta significativa. Posteriormente, Freud observa um sistema nervoso invertebrado, o do camarão de água-doce. Até então se acreditava que os elementos nervosos do sistema nervoso dos

---

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1980. vol. XX.

invertebrados eram totalmente diferentes dos vertebrados. Freud consegue demonstrar que, na verdade, eles são morfologicamente idênticos, e também que não são os elementos celulares que são diferentes em animais mais evoluídos, e sim sua organização. Assim, emerge ali, já nas primeiras pesquisas de Freud, uma percepção darwiniana da evolução segundo a qual, a partir dos mesmos elementos celulares anatômicos básicos, muitos outros sistemas nervosos complexos podem ser desenvolvidos.

É interessante ressaltar que, neste momento, no Instituto de Fisiologia dirigido por Brücke, Freud conhece Joseph Breuer, que veio a se tornar um personagem crucial de sua trajetória médica e, posteriormente, psicanalítica, no momento em que lhe ensina a prática terapêutica de cura pela fala, prática essa que veio a ser amplamente discutida por ambos durante os anos seguintes e que serviu como uma das principais bases para o desenvolvimento de sua futura teoria psicanalítica.

No início da década de 1880, já graduado em medicina, Freud se volta para o campo da neurologia clínica. Entretanto, é igualmente crucial para ele continuar também com seu trabalho anatômico, atentando-se agora para os sistemas nervosos humanos, o que faz no laboratório do neuroanatomista e psiquiatra Theodor Meynert. Durante este período (1882-1885), ele passa algum tempo nas alas do Hospital Geral de Viena e lá aprimora suas habilidades como observador clínico e neurologista. Sua habilidade e potência para a narrativa, bem como seu senso acerca da importância da investigação e relato minuciosos de um caso clínico, são evidentes nos papéis clinicopatológicos que escreve à época, tais como o de um menino que morreu de hemorragia cerebral associada com escorbuto, um aprendiz de padeiro de dezoito anos com neurite múltipla aguda e uma mulher de trinta e seis anos com uma rara condição espinhal, a siringomielia, que perdeu a sensação de dor e de temperatura, mas não a sensação de toque, uma dissociação causada por uma lesão circunscrita dentro da medula espinhal.

Em 1886, após passar quatro meses com Charcot em Paris e Berlim, um novo e importante passo é dado na carreira de Freud ao conhecer as clínicas de Emmanuel Mendel, que tratava de neuropatologias de adultos, e Adolf Baginsky, focada nas neuropatologias infantis, que lhe permitiram tomar contato e adquirir conhecimentos sobre essas novas áreas e assumir, ao voltar a Viena, o cargo de neuropediatra no *Kinderkranken Institut*. A experiência clínica lá obtida o leva a escrever os livros pelos quais ele vem a se tornar mais conhecido por seus

contemporâneos, suas três monografias sobre paralisias cerebrais infantis. Elas foram muito respeitadas entre os neurologistas da época e são, ocasionalmente, tomadas como referência até hoje, como afirma Sacks (2000).

Ainda de acordo com Sacks (*op. cit.*) não é tarefa fácil reconstruir a partir das cartas de Freud ou do vasto número de estudos e biografias sobre ele exatamente em que consistia para ele a sua “vida neurológica”. Sabe-se que ele recebia os pacientes em seu consultório na Rua Bergasse n.º 19, presumivelmente, uma série de pacientes que procuravam neurologistas para tratar das mais diversas patologias. Alguns com distúrbios ou transtornos neurológicos cotidianos como ataques, tremores, neuropatias, AVCs e enxaquecas, outros com doenças funcionais, tais como histerias, traços obsessivos-compulsivos e neuroses dos mais variados tipos.

Como continua com sua prática neurológica, a curiosidade de Freud, sua imaginação, seus poderes teorizadores, estão na superfície, demandando tarefas intelectuais mais complexas e desafios. Para Sacks (*op. cit.*), ainda, suas primeiras investigações neurológicas feitas durante seus anos no Hospital Geral são muito bem elaboradas, porém convencionais.

Ao começar a lidar com a complexa questão das afasias, Freud se convence de que é preciso uma visão diferente do cérebro, mais dinâmica e, para tanto, recorre a Hughlings Jackson para fundamentar tais ideias. O percurso de seu encontro com a obra deste autor será pormenorizado nos tópicos seguintes deste capítulo.

## **I. b. A crítica aos modelos localizacionistas**

Em 1891 Freud publica sua monografia sobre as afasias. No entanto, ao iniciar seus estudos partindo da já conhecida literatura médica sobre esse tema, ele se depara com uma ideia compartilhada pelos autores de que a área cerebral dedicada à linguagem não tem qualquer relação com as demais atividades cerebrais. Nessa concepção, que ele critica fortemente, os distúrbios de linguagem que ocasionam os diversos tipos de afasia são de ordem estritamente anatômica, cuja causa se dá ou pela destruição dos centros de linguagem, ou pela destruição das vias de associação entre eles.

Antes de apresentar as principais ideias de Freud a respeito das afasias, contextualizo a discussão entre os neurologistas no final do século XIX acerca da teoria do localizacionismo de funções cerebrais e a doutrina da associação de ideias.

A teoria localizacionista, que teve Meynert como um de seus principais idealizadores, estabelecia uma relação especular entre os estímulos provenientes do mundo externo e as representações localizadas em pontos determinados do córtex. Segundo esse modelo, as representações corresponderiam a uma projeção ponto a ponto dos elementos da periferia, já que sua principal hipótese era que as fibras nervosas deveriam permanecer imutáveis com a passagem da excitação, fazendo apenas a ligação entre o centro e a periferia. Essa organização anatômica se apresenta como uma grande questão para Freud, que não concorda com o modelo proposto por Meynert e o critica em *Sobre as Afasias*.

O localizacionismo de funções cerebrais atingira, anteriormente, por volta de 1800, seu apogeu a partir dos estudos do médico alemão Franz Joseph Gall, que desenvolveu uma teoria denominada *frenologia*. Seus pressupostos são de que o cérebro é o *órgão da mente*, a qual seria dotada de diferentes faculdades mentais e comportamentos representados em localizações cerebrais correspondentes, ou seja, as funções psíquicas obedeceriam às funções orgânicas. A teoria dispunha, ainda, de diagramas, modelos científicos utilizados para designar as representações, ou seja, aquilo que é da ordem de uma experiência sensorial, e seu correspondente orgânico.

Apesar de a frenologia em si ter caído em descrédito, o pensamento localizacionista ganhou nova vida em 1861, quando Broca foi capaz de demonstrar que a perda altamente especializada da função da linguagem expressiva – a assim denominada por ele afasia expressiva – se seguia a danos em uma parte específica do cérebro, a terceira circunvolução frontal no lado esquerdo. Outras correlações surgiram rapidamente e, na metade da década de 1880, resquícios da frenologia pareciam voltar à tona a partir da descrição de “centros” de linguagem expressiva, linguagem receptiva, percepção de cor, escrita e muitas outras capacidades específicas.



Capa do vol. X do *Jornal de Frenologia Americano*, de março de 1848, com a ilustração de um cérebro subdividido em áreas e suas funções correspondentes.<sup>8</sup>

Freud fica extremamente inquieto e insatisfeito com a teoria localizacionista, ao observar a correlação especular que ela propunha entre os componentes elementares e as funções cerebrais, negando sua organização, sua evolução e história, e critica severamente este modelo em *Sobre as Afasias*:

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.phrenology.com/americanphrenology.html>

Quero chamar a atenção sobre o fato de que os recentes progressos na anatomia do cérebro exigem consideráveis mudanças no conceito de organização cerebral exposto por Meynert e incutiram dúvidas sobre o papel que ele atribuiu ao córtex. (FREUD, 1891/1973: 64).

O argumento utilizado por ele para criticar tal modelo é duplo: em primeiro lugar, ao distinguir uma percepção e sua associação, Freud recusa o modelo especular da representação de Meynert. Em segundo, se mesmo no esquema corporal há uma significação funcional de uma fibra sempre que ela se conecta a outras, ele conclui que, ao tratar dos fenômenos relacionados à afasia, deve-se aceitar que a linguagem deve ser dotada de uma ordem ainda maior de organização e combinação.

### **I. c. Influências de Hughlings Jackson no pensamento de Freud**

Os estudos sobre as afasias realizados entre 1861 e 1890 passaram a criticar as teorias localizacionistas e, como aponta Sacks (2000), seria interessante saber exatamente como e quando Freud descobriu o trabalho do neurologista inglês Hughlings Jackson, que, silenciosa, porém obstinadamente, estava desenvolvendo uma visão evolucionista do sistema nervoso, ainda que imobilizado pela exaltação localizacionista em torno dele.

Jackson passa a conceber uma visão evolucionista da natureza a partir da publicação de *A origem das espécies*, de Darwin, e da filosofia evolucionista de Herbert Spencer e, no início da década de 1860, propõe uma visão hierárquica do sistema nervoso, imaginando como ele devia ter evoluído dos níveis de reflexos mais primitivos, por meio de séries de níveis cada vez mais elevados, para aqueles conscientes e de ação voluntária. Em casos patológicos, supõe Jackson, sua sequência é revertida, de modo que ocorre uma involução, dissolução, ou, ainda, regressão e, com isso uma “liberação” das funções primitivas normalmente sob o controle de outras funções superiores.

As concepções de Jackson surgem primeiramente em referência a determinados tipos de ataques epiléticos, referidos, de acordo com Sacks (*op. cit.*), até os dias de hoje pela medicina como *jacksonianos*, passando, depois, a ser aplicadas a uma variedade de doenças neurológicas, inclusive na tentativa de entender sonhos, delírios e insanidades. Em 1879, Jackson as aplica à questão da afasia, o que desperta o fascínio de neurologistas interessados nas funções psíquicas

superiores, termo cunhado por Vygotsky em 1931 para designar capacidades tais como atenção, memória, imaginação, linguagem e pensamento.

É a Jackson, portanto, a quem Freud recorre ao iniciar-se nos estudos das afasias, a partir da década de 1880, para fundamentar sua crítica acerca dos pressupostos localizacionistas, relatando, em *Sobre as Afasias*, que Jackson é o autor em cujas opiniões tenho baseado quase todos os argumentos que venho empregando para refutar a teoria localizacionista das afasias. (Freud, 1891/1973: 75).

Para Jackson, os processos psíquicos e fisiológicos precisam ser investigados separadamente, e não a partir de uma relação de causa e efeito. Ele afirma que o processo psíquico é paralelo ao fisiológico, tratando-se de um *concomitante dependente*.

A relação entre a cadeia de eventos fisiológicos que se dão no sistema nervoso e os processos mentais provavelmente não seja de causa e efeito. Aqueles não cessam quando estes começam; tendem a continuar, mas, a partir de um certo momento, um fenômeno mental corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. O processo psíquico é, portanto, paralelo ao fisiológico, "um concomitante dependente". (FREUD, 1891/1973: 70).

Jackson desenvolve ainda um modelo de aparato mental, que está subdividido em níveis funcionais, ou seja, apresenta uma hierarquia de funções estabelecidas a partir da evolução da espécie humana. Com base neste modelo ele também cria o conceito de dissolução, segundo o qual, em condições patológicas, funções tais como a da linguagem regrediriam para níveis hierarquicamente inferiores, menos voluntários e mais automatizados. Suas premissas são que, apesar dos eventos mentais não ocorrerem na ausência de eventos cerebrais paralelos, a relação entre estas duas séries de eventos não é causal, e que o físico e o psíquico são processos que devem ser concebidos paralelamente, como concomitantes.

As afasias, para Jackson, são transtornos de linguagem, e não apenas de fala, relacionados a um déficit intelectual mais difuso, já que elas incluem muitas vezes a incapacidade de formular proposições, e não somente de acessar palavras. Ele ainda propõe que os aspectos físico e psíquico da afasia sejam considerados separadamente, concebendo, de um lado, a linguagem e a fala e, de outro, sua base física. Sua hipótese teórica geral é que, para compreender o aspecto psicológico da afasia, é preciso atentar para a sintomatologia positiva e negativa. Isso significa que o que o paciente consegue falar é tão importante quanto o que ele não consegue. Em

outros termos, trata-se sempre da observação das relações dinâmicas entre as funções comprometidas e as funções preservadas da linguagem.

Como afirma Caropreso (2008):

Jackson propõe que os distúrbios nervosos consistem em reversões do processo de evolução, ou seja, em “dissoluções”. Nestas, os processos mais complexos e menos organizados seriam atingidos antes daqueles mais simples e mais organizados. O que ocorreria seria, na verdade, a liberação de um nível de funcionamento inferior devido à perturbação e, portanto, à perda de controle dos processos superiores em relação aos inferiores: “a perda do menos organizado, mais complexo e mais voluntário, implica a retenção do mais organizado, menos complexo e mais automático”. (CAROPRESO, 2008: 58).

Na literatura médica concernente à afasia da época, a faculdade da linguagem estaria concentrada nos lobos anteriores do cérebro. Paul Broca e Karl Wernicke definiram uma correlação precisa entre as perturbações da linguagem e regiões específicas do cérebro. As imagens mnêmicas dos movimentos da linguagem são conservadas no centro motor, ou Área de Broca, e as imagens sonoras são armazenadas no centro sensorial, ou Área de Wernicke. Assim sendo, lesões ocorridas na Área de Broca resultariam em uma afasia motora, e lesões ocorridas na Área de Wernicke, em uma afasia sensorial. Wernicke propõe, ainda, um terceiro tipo de afasia, a de condução, na qual a lesão estaria localizada nas vias de associação entre tais centros.

Freud considera parte da explicação de Wernicke, que contradiz a hipótese da época segundo a qual se poderiam localizar conceitos psíquicos complexos na região encefálica, uma vez que postula a possibilidade de somente poder fazê-lo quanto aos elementos psíquicos mais simples. Entretanto, Freud não concorda com essa formulação e a critica, afirmando que se incorre no mesmo erro de princípio tanto quando se procura a localização encefálica de um conceito complexo como quando se procura localizar um elemento psíquico simples.

Mas, no fundo, não se comete, a princípio, o mesmo erro tanto quando se tenta localizar um conceito complicado, como toda uma faculdade, ou um elemento psíquico? (FREUD, 1891/1973: 69).

Os estudos de Freud sobre a afasia o convencem de que as complexas manifestações da afasia são incompatíveis com qualquer noção simplista de imagens de palavras hospedadas nas células de um “centro”:

... sob a influência dos ensinamentos de Meynert desenvolveu-se a teoria de que o aparelho de linguagem é formado por centros corticais distintos; supõe-se que suas células contenham as imagens das palavras (conceitos das palavras ou impressões das palavras); afirma-se que esses centros estão separados por um território cortical carente de função e ligados reciprocamente pelos feixes associativos. Pode-se questionar se essa suposição é correta. Eu não creio que seja. (FREUD, 1891/1973: 69).

Ao contrário de centros, Freud postula que deve-se pensar o cérebro em termos de **campos corticais**, extensas áreas do córtex dotadas de uma variedade de funções, algumas respaldando umas às outras, outras inibindo. Não se pode entender as afasias, afirma ele, sem que se olhe para elas a partir de uma dinâmica como a proposta por Jackson. Além do mais, tais sistemas não estão todos no mesmo “nível”. Freud propõe uma estrutura vertical para o discurso, com representações repetidas ou expressões de uma função em vários níveis hierárquicos – daí as dissoluções características da afasia, incluindo a emergência do discurso primitivo e emocional quando o discurso proposicional de nível superior se torna impossível. Freud é, ainda, o primeiro a trazer essa noção jacksoniana de regressão para a neurologia e o primeiro a importá-la para a psiquiatria. De fato, pode-se observar que o uso freudiano do conceito de regressão em *Sobre as Afasias* prepara o caminho para o seu uso mais amplo na psiquiatria.

Segundo Sacks (2000), Freud vai além de Jackson quando afirma que no cérebro não existem centros ou funções autônomos ou isolados, mas sim sistemas de realização de metas cognitivas, com muitos componentes e que podem ser criados ou altamente modificados pelas experiências do indivíduo. Assim, dado que a capacidade de ler e escrever não é inata, seria insensato pensar em um centro para a linguagem. Mais exatamente, deve-se pensar em um ou mais sistemas sendo desenvolvidos no cérebro enquanto o sujeito aprende as mais diversas coisas, sendo importante ressaltar que esta foi uma admirável antecipação da noção de **sistemas funcionais**<sup>9</sup> desenvolvida por Luria cinquenta anos depois, também com base em Jackson.

O autor afirma ainda que Freud reconhece repetidamente em *Sobre as Afasias* sua dívida com Jackson, que considera com riqueza de detalhes muitos dos fenômenos especiais que podem ser vistos nas afasias, como a perda de línguas estrangeiras enquanto a língua materna é preservada; a preservação das palavras mais comumente usadas e das associações mais comumente praticadas; a preservação de séries de palavras (como numerais, dias da semana, etc.)

---

<sup>9</sup> LURIA, Alexander Romanovich. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo EDUSP, 1981.

mais do que de palavras isoladas; as substituições verbais ou parafasias que podem ocorrer e, sobretudo, as frases estereotipadas, aparentemente sem sentido, que, por algumas, vezes são o único resíduo de discurso os quais, talvez, como Jackson observou, fossem os últimos pronunciamentos do paciente antes de sofrer a lesão.

Além disso, Freud observa que muitos sintomas das afasias parecem compartilhar associações de tipo psicológico mais do que de tipo fisiológico. Desse modo, as parafasias decorrem das associações de palavras, de sons ou significados semelhantes, que tendem a substituir a palavra desejada. Algumas vezes, no entanto, como relembra Sacks (2000) a substituição é de natureza mais complexa, não sendo compreensível como uma homonomia ou homofonia, mas surgindo de alguma associação realizada inconscientemente pelo sujeito, o que pode ser tomado como uma prévia das concepções freudianas das parafasias e parapraxias como interpretáveis, dotadas de um sentido histórico e pessoal. Assim, como enfatiza Freud, se queremos entender as parafasias devemos olhar não tanto para a anatomia ou fisiologia do cérebro, mas para a natureza das palavras e suas associações – formais e pessoais –, para o universo da língua.

Por consequência, Freud propõe que a linguagem está localizada em termos de centros e processos funcionais, em função de um complexo de associações que nomeia **Aparelho de Linguagem**, conceito abordado mais aprofundadamente no capítulo seguinte deste trabalho.

Neste capítulo foi apresentada uma breve trajetória do percurso de Freud como neurofisiologista, seus primeiros estudos nessa área, que incluem a evolução do sistema nervoso de alguns vertebrados e as paralisias cerebrais infantis, bem como a influência de Hughlings Jackson na criação de sua teoria sobre as afasias. A teoria de Freud vem se opor ao pensamento tradicional da época, localizacionista, que postulava uma relação especular entre os estímulos externos e as representações que, de acordo com os adeptos dessa teoria, estariam localizadas em determinados pontos do córtex.

Freud, com base em Jackson, critica esse modelo e propõe uma visão diferenciada do cérebro, mais dinâmica e compreendida em termos de funções e afirma, ainda, que os processos psíquicos e fisiológicos não se dão a partir de uma relação de causa e efeito, ou seja, precisam ser tomados independentemente, a partir de uma relação de concomitância e dependência.

## CAPÍTULO II: O Aparelho de Linguagem concebido por Freud

### II. a. A palavra como unidade funcional da fala

Toda a discussão que Freud trava em *Sobre as Afasias* o leva a reconhecer que a palavra é a unidade funcional da fala, sendo uma representação complexa, formada por uma multiplicidade de elementos, mas que, no entanto, é uma unidade do ponto de vista psicológico. Trata-se, portanto, de uma crítica à teoria das localizações cerebrais. Se, por um lado, os adeptos dessa teoria defendem que aquilo que se apresenta como algo simples (uma ideia, uma palavra, uma sensação), corresponde, no nível fisiológico, a algo igualmente simples, por outro, Freud afirma que tal correspondência é diversa, pois algo psicologicamente simples remete a algo fisiologicamente complexo: “*Para a psicologia, o que é uma ideia simples é, para nós, algo fundamental, que podemos diferenciar claramente de sua conexão com outras ideias*”. (Freud, 1891/1973: 70). A referência à palavra como uma unidade funcional também implica a noção de que o substrato neurológico da linguagem não é apenas complexo, mas dinâmico, sendo algo da natureza de um processo.

Ademais das diversas críticas que apresenta, *Sobre as Afasias* traz a primeira versão do conceito de *aparelho*<sup>10</sup> que, a partir de então, passa a ganhar destaque na obra de Freud, que concebe um aparelho psíquico constituído por um aparelho de linguagem e, em seguida, como um aparelho de memória, dado que, para Freud, o desenvolvimento do aparelho psíquico se dá concomitantemente com o desenvolvimento das funções da linguagem.

Ao assumir que a fala é uma função, Freud chega à conclusão de que todas as afasias compreendem alterações de associação. Com isso, ele pretende demonstrar que a lesão desempenha um papel secundário na produção dos sintomas observados na clínica, já que, para ele, a lesão não é responsável pela perda ou déficit em determinada capacidade específica, mas limita o funcionamento geral do aparelho, dado que a unidade está sempre presente:

---

<sup>10</sup> O qual é explorado com destaque, além de em *Sobre as Afasias*, na *Carta 52 a Fliess (1887-1904)*, no *Projeto para uma Psicologia Científica (1895)*, *Estudos sobre a Histeria (1893-95)* e *A Interpretação dos Sonhos (1900)*.

Quanto ao aparelho de linguagem, parece-nos que apresenta em todas as suas partes o segundo tipo de reação às lesões não destrutivas<sup>11</sup>, ou seja, responde a uma tal lesão de maneira solidária, ou pelo menos em parte solidária, com uma perturbação funcional. Por exemplo, não sucede nunca que na sequência de uma pequena lesão do centro motor se percam cem palavras cuja natureza dependa exclusivamente do local da lesão. Pode verificar-se em todos os casos que a perda parcial é a expressão de uma redução geral da funcionalidade desse centro. (FREUD, 1891/1973: 18).

Nessa concepção, a disfunção do aparelho deve-se ao fato de que ele é forçado a operar em um nível funcional diferente, visto que há uma quebra no fluir do discurso, ou seja, ocorre o truncamento de processos automatizados. O território da linguagem define um lugar que o autor assume como uma totalidade, como algo que não é divisível em centros, mas representado por todo o cérebro:

Rejeitamos a hipótese de que o aparelho de linguagem é constituído por centros distintos separados por áreas sem função [...]. Só nos resta formular a opinião de que a área da linguagem é uma região cortical contínua dentro da qual têm lugar as associações e transmissões que subjazem às funções da linguagem, as quais são de uma complexidade que ultrapassa toda a compreensão. (FREUD, 1891/1973: 76).

Sendo assim, o fato de conceber a linguagem de forma abrangente e difusa lhe permite idealizar um aparelho que funciona em termos de representação (de palavra, objeto), e essa área cortical contínua e abrangente é o que lhe faculta conceber um aparelho de linguagem equipado para associar, ou seja, também um aparelho de memória.

## **II. b. O esquema psicológico da representação de palavra**

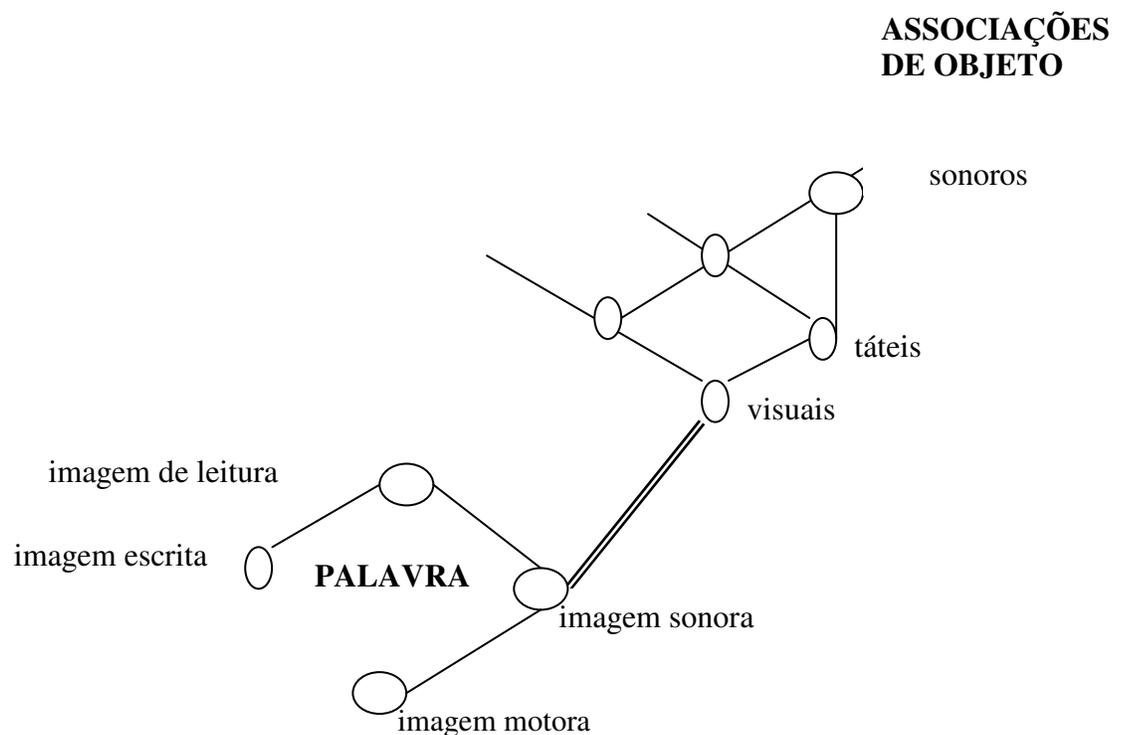
No Capítulo IV de *Sobre as Afasias* Freud propõe um esquema psicológico da representação de palavra e designa seus componentes: a imagem visual, sonora, motora e cinestésica da palavra, demonstrando detalhadamente que durante as diversas fases do processo de aquisição da linguagem ocorrem processos associativos que se acrescentam, reorganizando-se

---

<sup>11</sup> Freud afirma que há dois casos a serem considerados quanto à relação entre uma lesão parcialmente destrutiva e o aparelho que ela atingiu. “No primeiro, o aparelho apresenta-se mutilado de alguma das suas partes pela lesão, ao passo que as outras partes intactas funcionam sem qualquer alteração; no segundo, o aparelho reage à lesão de maneira solitária, como um todo, e não permite encontrar uma deficiência de partes isoladas, mostrando-se, porém, enfraquecido na sua função”. (FREUD, 1891/1973: 18).

aos adquiridos anteriormente, ou seja, se sobreassociam. Assim, a cada nova fase do desenvolvimento da linguagem formam-se novas conexões que compreendem o que já foi alcançado até então. Disso resulta que cada fase consiste em uma reestruturação geral do aparelho de linguagem. Em resumo, se a representação de palavra é uma representação complexa que inclui elementos visuais, sonoros, motores e cinestésicos, esses elementos devem operar concomitantemente. Além disso, qualquer operação da linguagem, por mais simples que possa ser, implica a intervenção simultânea de funções de mais de um ponto do território da linguagem. Daí resulta a afirmação de que o processo que ocorre no aparelho de linguagem é um processo de associação.

### Esquema psicológico da representação de palavra



(Freud, 1891/1971: 46).

Freud desconsidera qualquer hipótese que conceba a ideia de representações dentro das células nervosas, visto que as modificações fisiológicas do sistema nervoso devem ser

determinadas independentemente do seu correspondente psicológico. Ele está interessado em investigar em que medida o estudo das perturbações da linguagem pode ajudar a reconstruir o modo de funcionamento e as características do aparelho de linguagem. No Capítulo IV de *Sobre as Afasias*, ele propõe um esquema psicológico da representação de palavra, iniciando uma explanação acerca de quais seriam os componentes e como funcionaria tal aparelho, afirmando que, para a psicologia, a unidade da função de linguagem é a palavra, sendo importante frisar novamente que ela é entendida como uma complexa representação composta de elementos visuais, sonoros, motores e cinestésicos. Ele explica, ainda, que as lesões no aparelho da linguagem são advindas de uma desordem de seus elementos, pois, nos casos de lesões orgânicas do aparelho da linguagem, verifica-se uma desmontagem do discurso segundo essa composição.

Ademais das considerações fisiológicas, a elaboração dos conceitos de palavra e representação permitem a Freud estruturar uma nova classificação das afasias como desordens de associação.

Do ponto de vista psicológico, a palavra é a unidade funcional da linguagem; é um conceito complexo constituído por elementos sonoros, visuais e cinestésicos. Devemos à patologia o conhecimento dessa estrutura, por demonstrar que as lesões orgânicas que afetam o aparelho de linguagem causam uma desintegração da linguagem correspondente a tal constituição. Aprendemos a considerar a perda de qualquer um desses elementos como o indicador mais importante da localização da lesão. (FREUD, 1891/1973: 86-87).

A essa classe de associações da representação de palavra vem se associar uma outra: a representação de objeto. Freud define a representação de objeto como *outro complexo de associações, composto das mais variadas impressões visuais, auditivas, táteis, cinestésicas e outras*. (Freud, 1891/1973: 77-78). Sendo assim, a diferença entre ela e a representação de palavra é que *a representação de palavra aparece como um complexo fechado de imagens; a representação de objeto como um complexo aberto*. (Freud, 1891/1973: 77).

## **II. c. Influências de Stuart Mill no pensamento de Freud**

Para o melhor entendimento desse ponto, é preciso examinar algumas das ideias de Stuart Mill, que, como nos lembra Honda (2002) é mencionado por Freud como fonte de suas considerações acerca da noção de *Objectvorstellung*, ou representação de objeto:

Nós inferimos da filosofia que a representação de objeto não contém nada além da aparência de uma ‘coisa’ à qual correspondem diversas ‘propriedades’ das impressões sensoriais dessa última; é só por isso que na enumeração das impressões sensoriais que recebemos de um objeto temos a possibilidade de acrescentar uma grande série de novas impressões na mesma cadeia associativa. (MILL *apud* FREUD, 1891/1973: 122).

Como afirma Honda (*op. cit.*), Mill é um dos principais responsáveis pelas mudanças nas concepções de ciência e nos novos rumos tomados pelas pesquisas em fisiologia na Alemanha do século XIX, promovendo uma mudança de uma *Naturphilosophie* (filosofia da natureza), como a professada por Goethe, Ficht, Hegel e Schelling, para uma *Naturwissenschaft* (ciência da natureza) que contou também com os estudos de Helmholtz, Du-Bois Reymond e Brücke, influenciando inclusive as ideias de Brentano, que fora professor de filosofia e cogitado a ser *Doktorvater*, ou seja, orientador, de Freud. Segundo Gabbi Jr. (1994), a influência do pensamento de Mill na teoria freudiana sobre as afasias se dá no momento em que Freud descreve os diversos modos de formação das associações verbais baseando a análise psicológica na concepção dos fenômenos como formando compostos, ou seja, advindos de um processo de formação, dado que, segundo Giannotti (1964), todo fenômeno é redutível a elementos mais simples:

... em vez de descrever os fatos mentais à procura dos mais primitivos, deve-se se proceder ao exame de seus modos de formação, a fim de que não se corra o perigo de tomar por simples o fato composto cujos trâmites de produção foram perdidos. Portanto, todo fenômeno redutível a elementos mais simples, por estes modos de produção já estabelecidos, não será tomado como simples, ainda que a intuição assim nê-lo apresente. (GIANNOTTI, 1964: 32).

Essa teoria de Mill, portanto, que afirma que no estudo dos fenômenos mentais deve-se remeter à sua formação, ou seja, atentar para seus elementos constituintes, também inspira Freud na elaboração da concepção de associação, que considera que os elementos de uma representação são os processos neurológicos que a constituem, ou seja, eles não existem psiquicamente por si sós, mas apenas na medida em que integram um complexo. Isso pode ser exemplificado em *Sobre as Afasias* ao tratar da representação de palavra, no sentido de que uma letra é uma letra apenas na medida em que faz parte de uma representação de palavra. Fora isso, ela é um traço perceptivo como qualquer outro.

Por fim, Freud conclui seu raciocínio explicando a legenda do esquema da representação de palavra:

... a ideia de objeto não nos aparece como fechada, mas como dificilmente fechável, ao passo de que o conceito de palavra nos aparece como algo fechado, mas capaz de extensão. (FREUD, 1891/1973: 91).

Essas passagens demonstram que a representação de palavra é uma representação à qual não vêm acrescentar-se novas impressões, provocando a ilusão de que, por trás da representação, se oculta um objeto da realidade. Ela aparece como um signo que adquire a sua significação secundariamente através da associação com a representação de objeto. É importante observar que, quando Freud diz que a representação de palavra é fechada, embora capaz de extensão, ele se refere ao fato de que os elementos visuais, sonoros, motores e cinestésicos que a compõem podem multiplicar-se indefinidamente, como por exemplo, nos casos de ampliação de vocabulário, entre outros. Porém, a representação de palavra nunca conterà nada além de uma imagem sonora da palavra, de uma imagem cinestésica da fala, de uma imagem visual da leitura e de uma imagem cinestésica da escrita. Inversamente, a representação de objeto é aberta à incorporação de novas impressões que possibilitam diversas associações.

É relevante frisar ainda que a associação entre ambos os complexos de representação não ocorre em blocos, mas entre alguns de seus elementos. Essa relação ocorre quando a imagem sonora da representação de palavra se associa com a imagem visual da representação de objeto, sendo pela via da nomeação, portanto, que se dá a associação entre esses dois complexos.

Uma vez apresentada a sua noção de representação de palavra, Freud detalha pormenorizadamente a aprendizagem da fala, da leitura e da escrita. Em primeiro lugar, ele afirma que o sujeito associa uma imagem sonora da palavra com a imagem da inervação da palavra, sendo que a imagem sonora da palavra falada inicialmente não coincide com a imagem sonora da palavra ouvida. Depois, ele ajusta a imagem sonora produzida com a imagem sonora que serviu de estímulo, no momento em que aprende a repetir. Em terceiro lugar, aprende a soletrar associando imagens visuais das letras com novas imagens sonoras que evocam sons já conhecidos e, a seguir, aprende a ler conectando reciprocamente uma sucessão de imagens de inervação da palavra e impressões cinestésicas da palavra percebidas ao enunciar individualmente as letras. Daí surgem novas imagens cinestésicas que pelas suas imagens

sonoras correspondentes são reconhecidas pelo sujeito como já familiares. Este anexa às imagens sonoras soletradas os significados dos sons reconhecidos e, assim, passa a ler e compreender. Por fim, ele aprende a escrever reproduzindo as imagens visuais das letras com a ajuda das imagens cinestésicas da mão, de onde se conclui que a escrita é comparativamente mais simples e menos vulnerável do que a leitura. Isso significa que no curso da aprendizagem se estabelecem configurações associativas que vão se sucedendo, mas que, no entanto, não desaparecem ao serem substituídas por outras mais novas.

Freud faz essa descrição detalhada do processo de aprendizagem porque, em primeiro lugar, ele fornece razões para respaldar a tese acerca do processo associativo da linguagem, em segundo, para defender a primazia da imagem sonora na organização do complexo de palavra e, em terceiro, para estabelecer a dimensão diacrônica das organizações associativas. Em relação ao processo associativo, explicitar como o sujeito aprende a falar, ler e escrever, ressaltando, ainda, o papel do outro nesse processo, visto que, para Freud, aprender a falar é aprender a repetir, evidencia claramente a rede de associações em jogo em cada uma dessas atividades.

Com relação à imagem sonora, Freud defende sua preponderância na organização da função linguística argumentando que é por meio dessa imagem, justamente, que inicia a aprendizagem, dado que o esquema de representação visual é mais aberto, ou seja, suscita mais associações. Ao contrário dele, Charcot nega que haja uma regra geral de preferência em relação às formas de associação. Para ele, todos os elementos teriam direitos funcionais iguais, e dependeria da organização individual decidir qual fator seria central para coordenar os outros. Entretanto, como observa Gabbi Jr. (1990), se assim fosse, não teríamos nenhuma regularidade para pensar a questão da afasia, e a ausência de um parâmetro universal seria uma forte objeção para a classificação proposta por Freud.

Uma abordagem complementar a esta a respeito das relações entre os aspectos visuais, sonoros, motores e cinestésicos da linguagem é apresentada por Caneppele (2007) que, com base no *Projeto para uma Psicologia Científica* de Freud (1895/1980), concebe a história da linguagem como uma somatória das vivências do sujeito, dado que Freud postula os modos pelos quais o sujeito adquire a linguagem como *função comunicativa* (som que é entendido pelo outro como mensagem), *atributiva* (som que atribui ao outro uma qualidade) e *significativa ou*

*representativa* (som que significa um objeto do mundo). Em cada uma dessas experiências a ênfase está colocada em um elemento diferente:

[...] na primeira, importa a imagem acústica ouvida pelo outro; na segunda, a imagem motora reproduzida pelo corpo próprio; na terceira, as percepções do objeto entre as quais apresenta-se um som (quer produzido pelo próprio objeto, quer pelo corpo próprio como reação espontânea). (CANEPPELE, 2007: 03).

Essa tripartição encontrada na obra de 1895 vem a complementar o modelo de aparelho de linguagem concebido por Freud em *Sobre as Afasias*, em que, segundo Caneppele (*op. cit.*) Freud propõe, ao mesmo tempo, um acesso diferenciado à linguagem, em que cada sujeito passaria de um modo diferente pelos elementos que compõem a palavra. Por outro lado, os diferentes níveis de funcionamento da linguagem corresponderiam à multiplicidade de acessos à palavra.

Em função disso, com base em sua tese de que a representação de palavra está ligada à representação de objeto com sua terminação sensorial, Freud lança a hipótese de dois grupos de afasias assim determinados de acordo com as associações afetadas:

1. Afasias verbais, ou afasias de primeira ordem, em que são perturbadas apenas as associações entre cada um dos elementos da representação da palavra.
2. Afasias assimbólicas, ou de segunda ordem, em que é perturbada a associação entre a representação de palavra e a representação de objeto.

Freud apresenta, ainda, um terceiro tipo de afasia, as afasias agnósicas ou de terceira ordem, que seriam perturbações no reconhecimento de objetos, relacionada, predominantemente, a quadros demenciais.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a afasia é uma patologia que desintegra a unidade complexa da palavra constituída por seus quatro componentes fundamentais, o que tem como efeito um retorno a alguma etapa do processo de aquisição da linguagem.

Considerando-se que a representação é um processo associativo, Freud a concebe não apenas a partir da combinação intrínseca entre os componentes visuais, sonoros, motores e cinestésicos, mas também operando em funções relativas a mais de um ponto do território da linguagem. Portanto, para Freud, a representação deve ser compreendida como a diferença entre as duas séries de associações: de representação de palavra e de representação de objeto. Segundo

ele, a palavra corresponde a uma associação de imagens mnêmicas e seu significado provém da articulação da imagem sonora com as representações de objeto. Estas, por sua vez, não constituem o objeto ou a coisa externa, de onde a palavra retiraria sua significação, pois:

A aparência de uma “coisa”, cujas “propriedades” nos são transmitidas por nossos sentidos se origina somente pelo fato de que ao enumerar as impressões sensoriais percebidas a partir de um objeto deixamos aberta a possibilidade de que se acrescente uma ampla série de novas impressões à cadeia de associações. (FREUD, 1891/1973: 90-91).

Para o autor, a representação de palavra liga-se à representação de objeto por meio das imagens sonoras, dado que elas representam a palavra no momento em que, entre as diversas associações de objetos, são as associações visuais que representam o objeto, sendo a imagem sonora, portanto, representativa da palavra.

É relevante introduzirmos, nesse momento, o esquema anatômico do campo associativo da linguagem também proposto por Freud em *Sobre as Afasias*. Com ele, Freud pretende explicar como se manifestam os “centros” da linguagem, através de círculos que representam os campos corticais do nervo sonoro, do nervo ótico, do braço e da musculatura da linguagem. Com feixes de raios que saem desses campos em direção ao campo da linguagem, são representadas as vias associativas, sendo que o ponto de cruzamento entre tais feixes e aqueles cortados por suas fontes são o “centro” de seu elemento associativo correspondente.

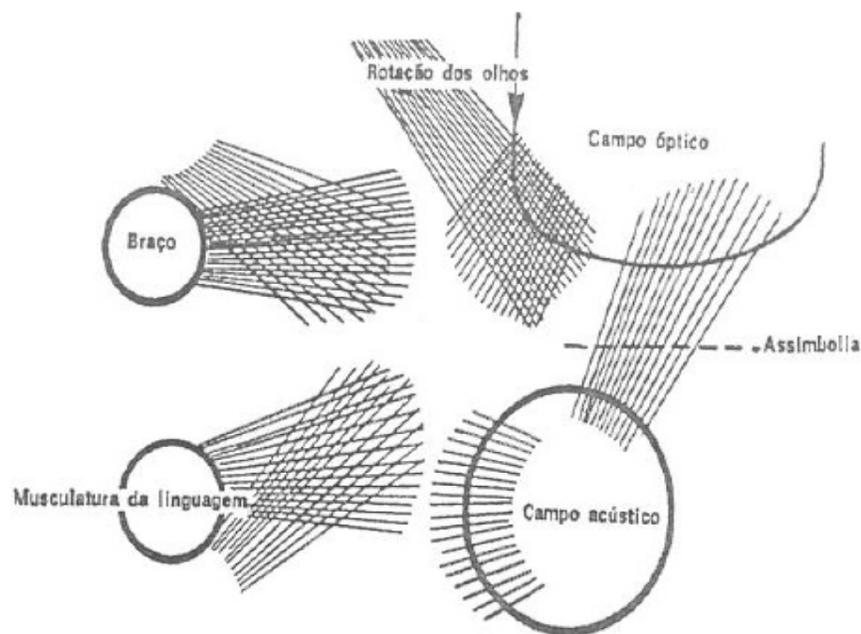


Fig. 4 – Esquema anatômico do campo associativo da linguagem.

(Freud, 1891/1977: 51).

Segundo Salzano (1999), a recusa de Freud em aceitar o localizacionismo das funções cerebrais como efeito de uma causalidade físico-psíquica o permitiu deixar de lado a distinção entre centros e vias de condução da linguagem. Tal rejeição o permitiu pressupor, a partir dos distúrbios da fala, por um lado, a existência de processos funcionais, totalmente distintos dos processos ditos mecânicos no funcionamento da linguagem e, por outro, aquilo que já se configura como uma primeira noção de patologia no que tange à linguagem.

Este capítulo abordou o Aparelho de Linguagem concebido por Freud, que toma a palavra como a unidade funcional da fala, e sua composição a partir de elementos visuais, sonoros, motores e cinestésicos. Através desse aparelho, Freud explica os diversos mecanismos implicados no processo de aquisição da linguagem, e concebe a afasia como uma desordem entre os elementos de representação da palavra. Para criar esse aparelho, Freud se baseia nas ideias do filósofo Stuart Mill, para o qual, no estudo dos fenômenos mentais, deve-se remeter à sua formação, ou seja, seus elementos constituintes.

Também foram descritos neste capítulo os dois tipos de afasia propostos por Freud, verbais e assimbólicas, bem como sua definição de afasia como uma patologia que desintegra a

unidade complexa da palavra, causando, assim, um retorno a um dos níveis anteriores ao processo de aquisição da linguagem. Em seguida, foi abordado o esquema anatômico do campo associativo da linguagem, com a representação dos “centros” da linguagem e suas vias associativas.

## CAPÍTULO III: O caso WW

### III. a. Breve histórico do sujeito WW

Os conceitos fundamentais de *Sobre as Afasias* apresentados e analisados nessa dissertação são aplicados, neste capítulo, a um estudo de caso longitudinal de afasia verbal do sujeito WW, que frequenta as sessões individuais e coletivas realizadas no Grupo II do CCA, coordenado pela Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry.

WW tem 47 anos, é proprietário de uma empresa de reciclagem juntamente com sua esposa e tem dois filhos ainda crianças. A família mantém um padrão de vida confortável, compatível ao da maioria dos pertencentes à classe média brasileira.

WW sofreu um AVC no dia 31 de dezembro de 2006, na cidade do Guarujá - SP, quando estava junto a familiares e amigos, ficando internado por cerca de 3 meses, sem estar em coma. Ele relata que durante a internação se deu conta de que apresentava dificuldades de comunicação e locomoção, sobretudo de movimentação do braço direito. Os exames de tomografia mostraram que WW sofreu um acidente vascular isquêmico (AVC) têmporo-parieto-occipital esquerdo, sendo que apenas uma pequena parte deste hemisfério não foi atingida.

Após a alta do hospital, WW passou a não reconhecer familiares e amigos, estado este que durou cerca de um ano. Ele foi, ainda, acompanhado por uma fonoaudióloga da cidade onde reside por aproximadamente um ano, no entanto, relata não ter obtido grandes progressos com esse tratamento.

Em março de 2009 tomou conhecimento do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) através de amigos da família, e passou a participar dele, em atendimento individual e coletivo, sendo avaliado e acompanhado, a princípio, pela Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry. O acompanhamento linguístico individual comigo (Ilm) iniciou em junho do mesmo ano e, a partir de junho de 2010, WW passou a ser atendido também pela fonoaudióloga Profa. Dra. Sonia Sellin Bordin.

Atualmente WW continua trabalhando em sua empresa, porém, em funções mais burocráticas e, principalmente, de supervisão, que não demandem muita interação com outras pessoas, dadas suas dificuldades de comunicação. Ele apresenta, como definem Abaurre e

Coudry (2008) uma *fala telegráfica*, que se caracteriza pela omissão de relatores<sup>12</sup>, determinantes<sup>13</sup>, marcas de tempo e flexão e até do próprio verbo para expressar a ação. O mesmo fenômeno também é descrito por Kleppa (2009) como *fala reduzida*, ou seja, que resulta de um planejamento de sentenças simplificadas (ou incompletas), com uma característica marcante: é não-finita. Segundo a autora, há dois modos de não marcar finitude: ou não há verbos nas sentenças, ou não há marcas de finitude nos verbos, de modo que aparecem formas verbais no infinitivo, particípio, gerúndio ou imperativo.

Em muitos casos, WW também necessita de um *prompting oral* para conseguir dar início a sua fala, expressão essa cunhada por Coudry (1986) para designar a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto articulatório ou das primeiras sequências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra desejada, a fim de auxiliar o afásico em sua fala.

Com relação à leitura, quando é feita de modo silencioso ocorre normalmente, como relata WW, já em voz alta, lhe demanda muito esforço e é feita com enorme dificuldade, dado que sua afasia verbal afetou fortemente a “engrenagem” em que consiste a linguagem, causando uma quebra na concomitância dos aspectos visuais, sonoros, motores e cinestésicos que a constituem, condição essa que será abordada de maneira mais aprofundada a seguir.

Apesar de simpático e bem humorado, WW evita situações que exijam interação com muitas pessoas, sejam elas de seu convívio ou não. Isso ocorre porque ele não se sente à vontade quando lhe fazem perguntas que exigem respostas complexas, ou seja, que necessitem uma resposta além de *sim* ou *não*, tampouco quando precisa estabelecer um diálogo ou fazer o relato de algum fato. Essa situação acaba inibindo suas atitudes, o que o impede de exercer sua vida social como antes do AVC, em que ela era intensa, sobretudo na companhia da família e amigos, com os quais gostava de se reunir em festas, jantares, churrascos e viagens.

---

<sup>12</sup> Elementos que, ao longo do texto, têm a função de estabelecer conexões entre palavras, grupos de palavras ou unidades maiores. São também chamados de **conectores** ou **marcadores de relação**. São exemplos de conectores: *e*, *que*, *onde*, *assim*, *nesse*, entre outros.  
Fonte: <http://www.educacional.com.br>.

<sup>13</sup> Palavras que antecedem o substantivo, determinando, por exemplo, seu gênero e número. São exemplos de determinantes: artigos, numerais e pronomes. Fonte: <http://www.educacional.com.br>.

Ele tem respostas reduzidas para as perguntas que lhe são feitas e interrompe o seu dizer com frequência, queixando-se da impossibilidade de produzir determinados sons da língua. Inclusive, uma das expressões a que WW mais recorre é *Não sei falar*, a qual sempre rebato com *Sabe, sim! Vamos tentar de novo*.

Isso demonstra sua dificuldade em lidar com a patologia que se apresenta a ele, a qual gerou mudanças significativas em seu estilo de vida e relações interpessoais. A partir disso, como afirma Santana (1999: 95), *pode-se ter uma ideia contundente das implicações da afasia sobre as possibilidades de inserção do sujeito no mundo, tanto pela sua condição de afásico quanto pelo quê significa ser afásico em nossa sociedade*.

A rotina de WW, a partir de então, passou a ser levar os filhos à escola e outros cursos, supervisionar o funcionamento da empresa e ficar em casa, assistindo TV e DVDs de bandas da sua preferência, além de comparecer às sessões individuais e em grupo do CCA às sextas-feiras de manhã. Eventualmente ele ainda faz pequenas viagens com a família ou sozinho, principalmente a eventos automobilísticos, como feiras de carros, assunto de seu extremo interesse.

### **III. b. A afasia verbal de WW à luz de *Sobre as Afasias***

A afasia apresentada por WW é, de acordo com a classificação proposta por Freud, de natureza verbal, ou seja, prejudica a *transmissão de estímulos que se conectam com os músculos da linguagem* (Freud, 1891/1973: 95), com efeitos na seleção e concomitante combinação de segmentos fônicos e sua realização motora e visual, ou seja, altera as relações estabelecidas entre os componentes motores, sonoros, visuais e cinestésicos, conforme proposto por ele em seu esquema psicológico de representação da palavra, anteriormente apresentado.

O tipo de afasia que Freud designa como verbal corresponde, segundo a classificação de Luria (1977), à afasia motora aferente – em que são alteradas as organizações paradigmáticas, ou seja, aquilo que é da ordem do metafórico e da seleção (Jakobson 1956/1975) – e/ou eferente, que corresponde também à afasia de Broca e altera a linguagem em um nível sintagmático, no eixo metonímico (Jakobson, *op. cit.*) e no que concerne à combinação de sons e palavras. Ainda segundo Luria (*op. cit.*), essa condição envolve a dificuldade de encontrar os movimentos

articulatórios necessários à pronúncia de sons isolados e de sequências de sons que se combinam para formar as palavras e as frases. Em outros termos, essa condição envolve uma perturbação praxica dos órgãos da fala.

A afasia verbal altera também as relações entre ouvido e escuta, já que a escuta controla a produção do som, sendo relevante ressaltar que o outro ajuda nesse processo na medida em que atua como o “ouvido” do afásico verbal, em um processo semelhante ao da aquisição de linguagem pelas crianças. Segundo Freud (1891/1973), *aprendemos a falar por meio do esforço em adequar, ao máximo, a imagem sonora produzida por nós à que serviu de base para o ato de inervação de nossos músculos da linguagem, ou seja, aprendemos a repetir.* (Freud, 1891/1973: 87).

Esse processo envolve tanto o aspecto sonoro quanto o motor da palavra, sendo, segundo Coudry (2010), apoiada em Freud, por esse duplo retorno – do motor e do sonoro – que se pode corrigir/ajustar o que se fala. Ainda segundo a autora, é pela via do sentido, pela repetição/recordação do movimento motor e da percepção do componente sonoro da unidade funcional da palavra, e suas possíveis combinações, que o falante entra na língua onde funcionam e se articulam suas dimensões fonológica, sintática, semântica e pragmática. Sendo assim, o já dito/escrito pelo outro se torna o já ouvido/lido tanto pela criança quanto pelo afásico, estabelecendo-se, nesse processo, novas cadeias associativas que colocam em relação o velho e o novo da língua, os quais são, segundo Freud, modificados nos casos de afasia. Caneppele (2007) propõe, ainda, uma outra interpretação para a relevância da função do ouvido, boca e olho em casos de afasia. Em seu estudo anteriormente apresentado com base no *Projeto para uma Psicologia* de Freud (1895/1980), ela analisa o trecho em que Freud fala acerca das vivências primárias do sujeito nas quais um elemento acústico participa de processos de significação. A autora afirma, com base em Freud (*op. cit.*) que:

(...) na primeira vivência, onde o grito é significado pelo outro, temos a formação da significação através do código inscrito no outro e, portanto, uma prevalência do ouvido (daquele que ouve e significa). A falência do código repetiria a falência do ouvido, com a perda da função da imagem acústica – tudo é puro ruído. Na segunda experiência, na qual o grito do outro é significado pela atribuição de um mesmo movimento do corpo próprio, temos uma linguagem fundada na designação, onde a significação é capturada pela boca (daquele que grita e daquele que atribui por um movimento de sua própria boca uma qualidade a esse grito). O apagamento da função designatória corresponderia ao apagamento da boca enquanto capaz de um movimento motor que acrescenta

algo ao outro – a boca se fecha e é incapaz de acrescentar um saber sobre o outro. Por fim, na terceira experiência, quando a palavra parece fazer parte da própria percepção da coisa do mundo, ajudando a caracterizá-la, poderíamos reconhecer a linguagem de um sentido dado no mundo como percepção. A interrupção desse sentido representaria uma perda da função diferenciadora do olho na associação à produção do som e de sua escuta – nada pode ser fixado no mundo paralelamente ao som escutado e pronunciado. (CANEPPELE, 2007: 09).

Articulando a reflexão da autora com a ND, tem-se a boca como posição e lugar em que incide a afasia verbal, estado em que o sujeito sabe o que falar/fazer, mas esqueceu (não) temporariamente os gestos articulatórios que produzem a cadeia sonora e significativa da língua. (Coudry, 2011). Para a boca, fica difícil a segunda imagem sonora da palavra se desdobrar em gestos articulatórios que se aproximam da palavra a dizer, sonora e/ou graficamente, ora mais, ora menos; e isso tem efeitos na fala, leitura e escrita.

Na fala de WW há, além da quebra na concomitância entre os componentes visual, sonoro, motor e cinestésico, uma desorganização em sua sintaxe e nas relações entre som e letra. Isso faz com que ele não utilize a *função corretora* (Freud, 1891/1973) em sua fala, a qual atua na aproximação entre a imagem sonora da palavra falada e a imagem cinestésica da palavra, recorrendo, assim, à escrita para tentar falar.

Desse modo, o apoio visual – ou seja, da imagem motora da palavra – e sonoro conferido por mim enquanto interlocutora atua como o "ouvido" para WW na medida em que sua afasia verbal não permite que ele aproxime sua fala consigo mesmo, apenas com o suporte visual e sonoro que o outro lhe oferece.

Pela modificação causada pela afasia que incide na segunda imagem sonora da palavra, WW tem grande dificuldade em repetir ou produzir uma palavra que lhe seja solicitada, fazendo sempre várias tentativas. Ele sente dificuldade, também, em atividades mímicas faciais, como imitação de gestos labiais e linguais, o que denota a perda da concomitância entre os componentes visual, sonoro, motor e cinestésico da fala. A falta de concomitância entre eles dificulta a percepção das posições dos componentes do mecanismo da fala, como por exemplo, os lábios e a língua, necessários para articular os sons em segmentos e palavras. Por isso, um determinado som pode ser articulado de maneiras diferentes por ele dependendo do momento em que a tentativa de produção ocorre, mas sempre acompanhado de um esforço de produzir o que deseja.

Essa condição nos remete ao capítulo VI de *Sobre as Afasias*, no qual, para demonstrar em quê o estudo das afasias pode contribuir a respeito da compreensão do aparelho de linguagem, Freud recorre ao processo de aquisição de linguagem das crianças, mais especificamente, em sua entrada na fala, leitura e escrita. Ele propõe, ainda, uma aproximação entre o estudo das afasias e da aquisição de linguagem, afirmando que a principal diferença entre ambos os processos se dá no momento em que os afásicos não exercem mais a linguagem em sua plenitude como outrora, e as crianças ainda estão em um processo de entrada e imersão nesse universo, sendo, como nos diz Coudry (2010: 09), *capturados por seus dispositivos, encontrando-se nesse trajeto*.

Freud relata que aprendemos a falar repetindo em nossa fala a fala do outro, havendo nesse processo uma forte conexão entre os componentes sonoro e motor da palavra na tentativa de aproximar essas duas falas pela escuta e pelo ato motor que produz os gestos articulatórios. É válido ressaltar que isso se dá concomitantemente e, assim, se automatiza. Aprendemos a falar associando uma *imagem sonora da palavra* com uma *impressão da inervação da palavra*. (Freud, 1891/1973: 87).

Ainda de acordo com Coudry (*op. cit.*), para Freud, falar pressupõe estar em uma relação com o outro, relação essa que se dá pela via do sentido ao associar a imagem sonora da palavra ouvida com a impressão cinestésica/inervação do aparelho motor da fala, com o objetivo de aproximar o som produzido do som ouvido. Segundo Freud (*op. cit.*), aprender a falar é aprender a repetir, o que envolve tanto o componente sonoro quanto o motor da palavra, sendo, nas palavras de Coudry (*op. cit.*), por esse duplo retorno, dos componentes motor e sonoro, que se pode corrigir/ajustar o que se fala.

Essa relação também é abordada por Bordin (2010) que afirma, ainda, também baseada em Freud, que a relação entre linguagem, prática social e funcionamento cerebral possibilita reflexões sobre sistemas novos e estabelecidos, além da demonstração de uma dada hierarquia cerebral e de uma determinada plasticidade que evolui do simples para o complexo, ou seja:

entre o novo como aprendizagem, o velho como memória, o voluntário como uma iniciativa e o comportamento automatizado como o resultado de aprendizagens que, devido às inúmeras repetições no uso que o sujeito faz delas, acabam por se estabilizar (por exemplo: andar, escovar os dentes, ato motor da escrita, dirigir carros etc.). (BORDIN, 2010: 21).

Deste modo:

É justamente na mobilidade da barra que separa o velho do novo que incidem as afasias. O afásico perde a familiaridade com a língua estabelecida ao longo da vida, sendo que muito do que dispunha da língua e seu funcionamento se apresenta como novo, rompendo a anterioridade lógica da entrada da criança na língua, capturada pelo funcionamento da linguagem. A mobilidade da barra, que nem sempre é a mesma, determina o que é da ordem do normal ou do patológico, a depender de fatores fisiológicos, psíquicos e históricos que, por um lado, funcionam como dispositivos biológicos e históricos que regulam/condicionam os diferentes modos de viver em sociedade e que, por outro, representam cada sujeito em particular. (COUDRY, 2010: 65).

Nos dados a serem apresentados abaixo poderá ser observado que quando a percepção é afetada, isso produz efeitos na associação, e uma associação, por sua vez, pode dizer muito da percepção em si. Assim, durante a vida, novos registros são feitos, outros são modificados e todos passam pela relação entre percepção e associação, o que pode ser revivido/recordado por modificações realizadas pela *inevitável condição humana de associar e superassociar sempre*. (Coudry, 2010: 14). A mobilidade da barra acima referida é que possibilita a circulação da linguagem e do sujeito em trajetos velhos e novos associados e superassociados, condição modificada pela afasia.

No âmbito da ND, a relação entre o velho e o novo se anunciava, em outros termos, desde os primeiros estudos das afasias realizados por Coudry, que observou duas qualidades do fenômeno:

– a linguagem e seus sistemas funcionam em outro ritmo, em câmera lenta (Coudry, 1993: 42) ou aceleradamente;

– o sujeito afásico, além de ter as várias faces que o compõem (S1), se apresenta como novo (S2), estrangeiro em sua própria língua, com todas as consequências que isso pode ter para relações intersubjetivas e para a subjetividade. (Coudry, 2002: 112).

No entanto, como afirma a autora, nem sempre é assim. Há momentos em que S1 e S2 se aproximam e se encontram, sendo relevante apontar que a avaliação de linguagem e seu acompanhamento longitudinal realizados à luz da ND devem sempre estar atentos a essa possibilidade.

### III. c. Dados e suas análises

Como afirma Freire (1999), as situações dialógicas que se dão ao longo do trabalho clínico permitem entrever o papel organizador e regulador da linguagem no processo de (re) construção do que foi alterado pela patologia.

A afasia verbal apresentada por WW modifica a habilidade em reunir as letras para formar palavras, fazendo com que ele perca a *função corretora* (Freud, 1891/1973) que atua na aproximação entre a imagem sonora da palavra falada (segunda imagem sonora) e a imagem cinestésica da palavra (primeira imagem sonora). Isso gera, ainda, de acordo com Freud (*op. cit.*), uma dificuldade para o afásico verbal – embora aconteça também com não-afásicos – de *dizer uma palavra que quer dizer* (Freud 1901/1980, Coudry, 2011), devido ao fato dessa afasia incidir na segunda imagem sonora da palavra (escutada de sua fala e da fala de outros). A primeira imagem sonora, que corresponde à impressão da inervação da palavra, é conservada, como ocorre com não-afásicos quando *esquecemos temporariamente nomes*, mas sabemos quais são. (Freud, *op. cit.*).

Sendo assim, o acompanhamento linguístico individual realizado com WW teve como foco o trabalho linguístico-cognitivo de funções dos analisadores acima mencionados afetadas em decorrência de sua afasia verbal, sobretudo implicadas no eixo fala, leitura e escrita.

Seguindo os princípios teórico-metodológicos da ND, foram realizadas diversas atividades nas sessões semanais cujo objetivo é abranger esse eixo, fazendo com que o sujeito se expresse tanto pela fala quanto pela escrita, através de diversas práticas com a linguagem em que a fala, a leitura e a escrita aparecem combinadas, ora mais uma do que outra, de modo que ele experiencie a linguagem em seus diferentes usos discursivos e sociais. Tais práticas envolviam variadas temáticas presentes em diversos tipos de textos, como reportagens de jornais e revistas, manchetes, anúncios publicitários, imagens e conteúdos de web sites, bem como outros assuntos de interesse do sujeito, como música, esportes, viagens e automobilismo. A seleção das atividades leva em conta o interesse do sujeito, bem como sua ampliação, sendo a motivação e o ânimo para realizá-las um ponto que o interlocutor deve atentar.

Com base em Freud e Jackson (1891/1973), Coudry (2011) interpreta que fala, leitura e escrita se sustentam em um tripé, sendo que o equilíbrio entre esses componentes muda

conforme a atividade realizada, ou seja, a ordenação dessa estrutura é hierarquizada. No processo de aquisição da leitura, por exemplo, nos relata a autora, há predomínio dos traçados motor e visual da letra para que se possa reconhecer o que é letra e o que não é, sendo que a relação entre o sonoro e o motor também atuam concomitantemente nesse processo. Quando já se sabe ler, o que é lido prescinde do visual implicado no traçado da letra – que já se automatizou para compor o sistema de representação alfabética de escrita e suas possibilidades combinatórias para formar unidades de sentido/significativas – a palavra (Freud, 1891/1973; Saussure, 1916; Vygotsky, 1926/2004; Luria, 1977; Benveniste, 1966) – que reconhecemos pela língua que falamos. Para Freud, lemos as letras pela fala e depois lemos palavras, e não letras, e o processo de compreensão da leitura só se completa se houver o reconhecimento da letra associado a um ou mais correspondentes sonoros.

Os dados aqui apresentados e analisados oferecem, como afirma Freire (2005), indícios importantes a respeito da relação sujeito e linguagem, sendo representativos de um processo geral que se constitui continuamente e é marcado por diversas modificações ao longo de sua trajetória. Um *achado* ou *indício* quase sempre é produto de um fator motivador (ou um conjunto deles) que assume saliência (Abaurre, 1996) para o sujeito no seu trabalho com e sobre a linguagem.

Merece destaque o conceito de *dado-achado* – em torno do qual se funda a metodologia de investigação da Neurolinguística Discursiva – formulado por Coudry (1996). Para a autora, o dado-achado é um ponto de encontro entre dado/sujeito e teoria, e se apresenta como um método de correlacionar o que o sujeito produz ou não em interlocuções com afásicos e não-afásicos, em situações discursivas, com os princípios e conceitos teóricos articulados no escopo da ND. Tais dados podem ser decorrentes de situações dialógicas presenciais ou não, atuais ou não, também designadas como *on-line* e *off-line*. Como nos lembra Freire (2005), Produções *on-line* são aquelas que têm o acompanhamento e/ou intervenção do pesquisador bem como comentários do próprio autor. Já as produções *off-line* derivam de contextos nos quais o pesquisador não está presente. Ainda segundo Coudry (*op. cit.*), a diversidade de material linguístico representa o entorno verbal e não verbal a que o sujeito está exposto. O dado-achado é sempre *revelador e encobridor* de fenômenos linguísticos e sua análise proporciona o *movimento teórico*, permitindo a resolução de alguns problemas e a colocação de outros. (Coudry, *op. cit.*).

A autora segue afirmando que a análise dos dados de sujeitos afásicos fortalece a compreensão acerca da afasia, como uma espécie de continuidade dos caminhos já percorridos por Freud. Para ela, os dados mostram a afasia como um lugar de trabalho linguístico-cognitivo com a linguagem, conforme proposto por Franchi (1977) e Coudry (1986), elaborado pelo sujeito afásico para lidar com a linguagem na afasia, dispondo, como os não afásicos, de outros sistemas semióticos. Essa posição teórico-metodológica é muito diferente de uma abordagem tradicional orgânica que toma a afasia como lugar do déficit, sendo este determinado organicamente. Pelo contrário, esse trabalho permite, ainda, que o afásico enfrente a sua fala e a fala de outros (Coudry, 2010), e possa retomar sua posição de sujeito na linguagem, *posição frente ao eu, ao outro e ao discurso que permitiu a seu interlocutor mudar de posição e encontrar um lugar de partilha para além do que seja normal/patológico, como condição humana.* (Coudry, 2010: 31). E a possibilidade de dizer – tanto para afásicos quanto para não afásicos – se dá na relação com o outro, na interação, pela interlocução e pela dialogia, conforme as ideias de Benveniste (1966) e Bakhtin (1984). A linguagem se apresenta sempre incompleta em relação ao dito intencionado (Freud, 1901/1980)

[...] que se põe em palavras, mas também envolvendo o corpo, gestos, percepções, associações, expressões faciais no que é dito por um e compreendido pelo outro. Na interlocução enfrentam-se as mais variadas condições em que se dá o dizer/fazer/mostrar. (COUDRY, 2010: 17).

Como todo sujeito de linguagem, e como observado já no início do acompanhamento longitudinal, WW apresenta maior motivação e melhor produção oral e escrita ao tratar de assuntos relacionados a seu cotidiano, seus gostos pessoais, sua família ou que sejam dotados de uma significação afetiva para ele, temas que a ND utiliza desde seus primeiros estudos. Por isso, essa temática foi recorrente durante as atividades propostas e realizadas ao longo do acompanhamento. A partir do segundo semestre de 2010 algumas atividades passaram a ser feitas em um computador de uma das salas do CCA, nas quais foram obtidos excelentes resultados, que relato no dado que segue.

**DADO 1:** *E-mail* para a empresa (11/06/2010).

**Contexto de produção:** A primeira atividade proposta no computador consistiu em que WW realizasse uma “navegação” pelo site da empresa da qual é proprietário, com o intuito de explicar para mim (Ilm) o seu funcionamento. Ele me contou sobre as atividades que ainda desempenha no local, sua rotina de trabalho, bem como o funcionamento geral da empresa. WW foi quem manipulou o computador na ocasião, sendo que essa prática possibilitou o exercício da relação fala, leitura e escrita ao mesmo tempo. Enquanto navegava pelo site, WW utilizou a fala, ao contar a história, o ramo e o modo de funcionamento de sua empresa; a escrita, ao digitar informações no campo de busca do site; e a leitura, que se fazia necessária na medida em que ele se dirigia a cada link do site para explicar do que se tratava. Durante essa atividade, WW observou que no site havia um link que indicava como obter contato com empresa. Clicou nele, e lá havia tanto o endereço e os telefones quanto um espaço para que o cliente enviasse uma mensagem *on-line*. Nesse momento, a fim de envolver o corpo e a fala, sugeri um *sketch*, ou seja, a simulação de uma situação em que um cliente desejasse entrar em contato com ele por *e-mail*, escrevendo uma mensagem naquele espaço. De acordo com Coudry (2002):

O trabalho com *sketches* tem a seguinte motivação teórico-metodológica: envolve a representação de cenas enunciativas (Maingueneau, 1989 – o que me remeteu a Fillmore) que mobilizam processos de significação verbais e não-verbais. Trata-se de situações pragmáticas partilhadas por interlocutores de uma dada comunidade lingüística (uma cena entre patroa e empregada, alguém que bate à porta, um telefone que toca, uma carta que chega, etc.). A proposta terapêutica de vivenciar uma cena do mundo – que pode ser expressa verbalmente de muitas formas – possibilita ao sujeito uma projeção do que pode e consegue dizer, usando de fato a linguagem para isto, lidando com a linguagem e a afasia, em meio às formas que a língua dispõe – e as que permitem o sujeito “criar” (força criadora da linguagem) – e às coordenadas da situação pragmática em questão. Por essa atividade se avalia a linguagem em funcionamento em todos os seus níveis, ou seja, os processos verbais relativos ao sistema lingüístico (fonológicos, sintáticos, semânticos), bem como a relação da língua com parâmetros ântropo-culturais (processos semânticos e pragmáticos). (COUDRY, 2002: 123).

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
1	Ilm	Vamos escrever um <i>e-mail</i> ?		
2	WW	Não sei, bixo...		
3	Ilm	Ah, sabe sim, vamos tentar		
4	WW			Fica pensativo por alguns instantes

5	Ilm	Imagine uma situação em que um cliente esteja interessado em comprar plásticos da sua empresa. Escreva do modo que conseguir		
6	WW		Escreve W (seu nome) PÁSTICO	Faz um gesto de “dinheiro” com as mãos
9	Ilm	Ah, só isso?		
10	WW			Balança a cabeça e leva uma mão à boca como sinal de negativo
11	Ilm	Muito bem, é essa a ideia. Você escreveu quase direitinho as palavras principais. Agora vamos tentar escrever isso de maneira mais clara, como se fosse um <i>e-mail</i> de um cliente que quer comprar plásticos da sua empresa para você		
12	WW	Tá bom		
13	Ilm	Vamos começar por corrigir <i>cliente</i> e <i>plástico</i> , que você não escreveu certo. É <i>cliente</i> e <i>plástico</i>	Enfatizo <i>cli</i> e <i>plá</i>	
14	WW	Ci...		
15	Ilm	Não, <i>cli</i>	Enfatizo <i>cli</i>	Aponto para o movimento dos meus lábios
16	WW	Ci...		
17	Ilm	Cliente	Enfatizo <i>cli</i> e indico a letra <i>L</i> em sua tabela visual com as letras do alfabeto	Aponto para o movimento dos meus lábios
18	WW	Clie...		
19	Ilm	Isso, está quase lá! Cliente!	Falo a palavra normalmente	Aponto para o movimento dos meus lábios
20	WW	Cliente!		
21	Ilm	Isso! Muito bom!		
22	WW			Esboça um sorriso
23	Ilm	Agora <i>plástico</i> !		
24	WW	Pás...		
25	Ilm	Plástico!	Enfatizo o <i>plás</i>	Aponto para o movimento

				dos meus lábios
26	WW	Pl...		
27	Ilm	Plástico		
28	WW	Plás-ti-co	Fala silabicamente	
29	WW	Muito bem!		
30	Ilm	Agora vamos corrigir o que você escreveu		
31	WW			Faz uma “careta” de desânimo
32	Ilm	Vamos começar por essas palavras mesmo, cliente e plástico. Que letra está faltando em cada uma delas?	Apresento a tabela visual que contém todas as letras do alfabeto	
33	WW		Aponta para a letra <i>R</i>	
34	Ilm	Não, não... Cliente e plástico!	Enfatizo <i>cli</i> e <i>plá</i>	
35	WW	Ah!	Aponta a letra <i>L</i> na tabela e a digita, completando cada uma das palavras	
36	Ilm	Ótimo!		

Destaca-se, nesse trajeto, a necessidade do oferecimento da imagem sonora, visual e motora por mim a WW, que tem dificuldades em pronunciar sílabas compostas por uma consoante seguida da consoante *l*, como em *cliente* e *plástico*, diferentes das sílabas mais comuns na língua portuguesa compostas apenas por uma consoante seguida de uma vogal.

Para que WW conseguisse escrever essas palavras, ele precisou contar com o auxílio de uma tabela visual que contém todas as letras do alfabeto, uma necessidade dele para recompor o tripé em que se sustenta o eixo fala, leitura e escrita. Após me ouvir pronunciando tais sílabas e repeti-las, pedi a ele que escrevesse e, observando sua dificuldade, apresentei a tabela visual para que ele procurasse o *l* faltante. WW realizou uma tentativa incorreta, embora a seleção seja muito próxima, apontando o *r* ao invés de *l*. Porém, embora não fosse o segmento esperado, a ocorrência de *r*, ou seja, um tepe, no lugar da lateral *l* é perfeitamente comum a sílabas com a formação CLV (consoante + consoante L + vogal), inclusive na fala de não-afásicos, por se tratar de uma “troca” fonológica muito comum em determinadas variedades linguísticas, sobretudo na oralidade. Essa questão será retomada de modo mais aprofundado no dado 6, em que ocorre um fenômeno semelhante.

Esse tipo de alteração fonológica que ocorre, como já mencionado, também na fala de indivíduos não-afásicos já era apontado, como nos lembra Ishara (2008), por Meyer *apud* Thá (1997), sendo que Freud (1901/1980) salienta que tais alterações podem ocorrer na presença ou ausência de patologia e que não é suficiente observar sua obediência a leis da linguagem na qual se manifestam para compreender os mecanismos que justificam essas alterações. Integradas ao funcionamento da linguagem, elas obedecem a restrições impostas pelo sistema e estão sujeitas a instabilidades próprias da linguagem em funcionamento.

Ainda segundo Ishara (*op. cit.*), essas alterações fonético-fonológicas apresentam sua imprevisibilidade enquanto *linguagem* de um *sujeito*, aspectos indissociáveis que tornam impossível prever exatamente quando ou de que forma ocorrerão.

Outra dificuldade recorrente na afasia de WW e que se manifestou também nesse dado é na escrita de sons nasais, como  $\eta$  em *dinheiro*. Novamente fez-se necessário o analisador visual contido na tabela com o alfabeto, de modo que ele conseguisse reconhecer novamente as letras necessárias para a representação do som nasal e, após algumas tentativas, conseguisse produzi-lo.

Deste modo, fui auxiliando WW na escrita do *e-mail* – soletrando as letras das palavras, apontando letras na tabela com o alfabeto, oferecendo *promptings*, no caso, realizando os gestos articulatórios para recompor a segunda imagem sonora da palavra – já que para ele é muito difícil escrever qualquer tipo de texto, tanto no que concerne aos processos de seleção de palavras quanto na combinação de segmentos lexicais. O *prompting* fornece pistas para a atuação da segunda imagem sonora da palavra, falada por ele e escutada de seu interlocutor. Isso restaura as duas imagens sonoras implicadas na fala.

Por fim, WW escreveu:

BOM DIA! JÁ SOU CLIENTE DE VOCÊS E GOSTARIA DE FAZER UM ORÇAMENTO DE UMA COMPRA DE PLÁSTICOS. PODEM ME PASSAR OS VALORES POR E-MAIL? OBRIGADO.

Considerarei importante também fazê-lo ler o que escreveu, oferecendo sempre o suporte necessário no sentido de, em minha fala, representar para WW a segunda imagem sonora da palavra que ele já não reconhece mais na própria fala, dada a perda da concomitância entre os aspectos visuais, sonoros, motores e cinestésicos causada por sua afasia verbal, que provoca efeitos no tripé fala, leitura e escrita.

Para a ND, a atividade interpretativa do interlocutor está presente de maneira irreduzível tanto na fala quanto na escrita, dado o caráter dialógico da linguagem, e interativo de toda ação humana (Bakhtin, 1929/1981). Para Santana (1999), a necessidade de considerar essa atividade do interlocutor no estudo da escrita do sujeito afásico torna-se premente a partir do momento em que se considera o papel constitutivo dele [interlocutor] (mesmo ausente) para a determinação dos sentidos na linguagem.

Ainda segundo a autora, é importante considerar que, assim como na linguagem oral, na linguagem escrita o sujeito (afásico ou não) também tem a ilusão de completude, ou seja, de controle do sentido daquilo que escreve. Por isso, ao escrever ele acredita que *planejou* e disse (escreveu) exatamente o que pretendia. Portanto, não deve ser considerado estranho o fato de que a produção escrita do sujeito afásico possa ser indicativa de (re) construção tanto de um conhecimento quanto dos mecanismos e processos alternativos de significação de que os sujeitos lançam mão durante essa (re) construção. (Coudry, 1986). Diante disso, o trabalho linguístico realizado pelo sujeito afásico abre espaço para o entendimento dos processos implicados durante a construção de sua linguagem (escrita). Ademais,

O interlocutor possui um papel importante nessa interação dialógica, o que faz com que ele se torne, muitas vezes, um co-autor do texto. Os “vazios” deixados pelo sujeito afásico constituem espaços disponíveis a serem preenchidos e o movimento discursivo aqui é trabalhado conjuntamente, no espaço de elaboração, de interação, na relação dialógica entre ele e o investigador. (SANTANA, 1999: 101).

Com o sucesso deste tipo de atividade, foi combinado em conjunto, entre mim e WW, que nas próximas sessões também usaríamos o computador. Procurei, também, paralelamente, motivá-lo a escrever em seu caderno seus apontamentos sobre as atividades, já que o ato de digitar, que trabalhamos amplamente nas atividades realizadas com o computador, passa por muito menos partes do corpo do que escrever à mão, já que no teclado do computador as letras estão visualmente dispostas, o que demanda menos trabalho de selecioná-las.

O dado que segue foi retirado de uma dessas sessões:

**DADO 2:** Pink Floyd (20/08/2010).

**Contexto de produção:** A atividade proposta, motivada pelo interesse de WW, demandou que ele pesquisasse a biografia e obra de alguma banda de sua preferência, bem como que procurasse as letras das músicas de que mais gostava, pelo fato de ser interessado por esse assunto.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
1	Ilm	Qual é a sua banda predileta?		
2	WW	Não sei falar...		Abre um pequeno sorriso e faz um sinal de negativo com a cabeça
3	Ilm	Então vamos entrar no <i>Google</i> , aí lá você digita		
4	WW		Escreve <i>Pink</i>	
5	Ilm	Ah, o <i>Pink Floyd</i> ?		
6	WW	Isso!	Encontra o site <i>Wikipedia</i> , que contém toda a história do <i>Pink Floyd</i> , bem como diversas fotos, informações, discografia e curiosidades. Abaixo das fotos havia o nome de cada integrante da banda, que passou por algumas formações diferentes ao longo de sua trajetória	
9	Ilm	Nossa, que bacana, mas eu não conheço todos os integrantes		
10	WW	Esse! Esse aqui!	Aponta para cada	

			nome e foto correspondente, me indicando quem é quem	
11	Ilm	Nossa, você sabe tudo deles mesmo, hein?		
12	WW		Me mostrou um a um quem eram os integrantes do <i>Pink Floyd</i> , demonstrando ser realmente um grande conhecedor da banda	
13	Ilm	Pelo visto você é fã deles desde a época da juventude, então?	Procuramos vídeos e traduções das canções	
14	WW	Isso!		Faz um sinal de positivo com a cabeça e um gesto de vai e vem com as mãos remetendo ao passado
15	Ilm	E você ainda ouve os discos deles?		
16	WW	Sim... TV... banda... show... casa...		Faz um sinal de positivo bem enfático com a cabeça
17	Ilm	Qual é a sua música preferida do <i>Pink Floyd</i> ?		
18	WW			Faz um sinal de que sabe qual é, movimentando a mão e apontando o dedo para o ar, mas o nome lhe escapa
19	Ilm	Então vamos entrar num site que tem todas as letras de músicas para ver se você encontra?		Faz um sinal de positivo com a cabeça
20	WW		Digita corretamente o nome <i>Pink Floyd</i> , e rapidamente surge uma lista de todas as músicas da banda. Lê silenciosamente e com atenção uma a uma, mas o	

			nome não lhe “vêm à boca”. Realiza algumas tentativas, clicando no nome da canção para que a letra aparecesse	
21	Ilm	Vamos entrar no <i>Youtube</i> , então? Quem sabe ouvindo um pedaço da música você se lembra qual é		
22	WW	Tá bom...		
23	Ilm			
25	WW	Essa aqui!	Ouve alguns trechos de músicas, mas não a encontra, aí volta para a lista com todas as letras da banda. Até que se depara com <i>A Great Day for Freedom</i>	
26	Ilm	Ah, achou? Que legal! Vamos ouvir então!	Ouvimos a música	

Quando pergunto a WW o nome de sua banda predileta, ele responde utilizando uma frase muito recorrente em sua fala: *Não sei falar...*, o que indica seu posicionamento frente à sua condição de afásico, que não lhe permite mais produzir como antes palavras e estruturas da língua, a começar de gestos articulatórios presentes no ato motor para falar, ler e escrever.

É interessante observar neste dado a relação de WW com a leitura. Ele lê mentalmente, já que a primeira imagem da inervação da palavra é conservada, mas não fala o que lê, devido ao dano à segunda imagem motora da palavra, sendo esse um claro indício de uma afasia verbal.

Quando lhe perguntei qual era sua música preferida, WW fez prontamente um gesto, mas nome lhe escapava. Este esquecimento (Freud, 1891/1973; Coudry, 2011) é mais um indício de sua afasia verbal, dado que ela incide sobre a segunda imagem sonora da palavra, enquanto a primeira, que corresponde à impressão da inervação da palavra, é preservada. Isso faz com que

determinados nomes sejam esquecidos, ainda que temporariamente, assim como na fala de não-afásicos, como aponta Freud (*op. cit.*).

Observa-se, neste dado, que a lista de letras de músicas ativou o *esquecimento temporário* (Freud, *op. cit.*), na forma de uma associação plausível e acertada, desbloqueando a barreira imposta por esse esquecimento.

Esse episódio demonstra que WW é capaz de ler e compreender textos quando o faz de maneira silenciosa – a qual é sempre preferida por ele em detrimento da leitura em voz alta devido a seus problemas de ordem motora – incluindo sentenças em outro idioma, como o inglês, o qual ele estudou por alguns anos antes de ter o AVC.

É possível observar ainda que, em seu caso, a leitura silenciosa favorece a compreensão do sentido de um texto por oposição à leitura em voz alta, já que suas dificuldades articulatórias o “distraem”, de certa forma, fazendo com que o sentido do que é lido se perca em detrimento da atenção e esforço que ele precisa demandar para pronunciar os sons. Fica clara também a importância da escrita como suporte para a comunicação de WW com seu interlocutor, como quando, ao não conseguir falar *Pink Floyd*, ele se utilizou do recurso da escrita (ainda que no computador) para fazer-se entender.

Um *dado-achado* importante acerca de como a afasia verbal afeta a relação entre a representação da palavra e seus analisadores foi obtido em uma das sessões do CCA, realizada em setembro de 2009, e foi protagonizado por WW.

**DADO 3:** Bife com ovo (18/09/2009).

**Contexto de produção:** Como relata Coudry (2010)<sup>14</sup>, a atividade proposta para o grupo consistia em um jogo de encontrar palavras que começassem com uma determinada letra,

justamente para que os afásicos entrassem em contato com as dificuldades e soluções que aparecem em atividades de linguagem que atuam na seleção e relação de letras, palavras e objetos do mundo. Conhecer as modificações decorrentes da afasia e lidar com elas ajuda no trabalho direcionado à autonomia enunciativa que propomos como meta no CCA. (COUDRY, 2010: 24).

A letra em questão era B.

---

<sup>14</sup> Fonte: BDN – CNPq nº 301726/2006-0 – CCA, setembro de 2009.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
1	WW		Pega o caderno e escreve <i>bite</i>	Faz com a boca o gesto de mastigar
3	Imc	Bife?		
4	WW			Faz um gesto de positivo com a cabeça
5	Imc	Então diga <i>bife a cavalo!</i>		
6	WW			Faz um esforço, mas não consegue repetir
7	Imc	Então tente dizer isso de outra maneira		Faz o gesto com a mão para representar o ovo por cima do bife
8	WW	Bife com ovo	Diz prontamente	

Quando WW conseguiu encontrar um sinônimo para *bife a cavalo*, todos do grupo se aliviaram, comemorando e rindo, juntamente com ele, da situação. O fato abriu espaço para a discussão da dificuldade dele no eixo da seleção (de segmentos, palavras e expressões) e no manuseio do patrimônio lexical que habita a memória de cada um acerca das palavras da língua, partilhada com os falantes do português, bem como a alternativa que se apresentou diante da situação, de modo que ele e os outros integrantes do grupo compreendessem sua afasia verbal e atentassem para as diversas possibilidades de que a língua dispõe – que o estudo discursivo da afasia conceitua como processos alternativos de significação (já anunciados no texto de Coudry e Possenti, 1983) – para lidar com o estado atual de sua afasia no *continuum* da fala, leitura e escrita. (Coudry, 2010).

É possível observar, através desse dado, como os processos metafóricos são dificultados nos casos de afasia verbal. Aqui, a saída que o sujeito encontra para se expressar é a da literalidade, utilizando a representação de objeto para chegar à palavra *ovo*, sendo que troca a expressão *a cavalo* por *com ovo* através de um processo metafórico, dado que *bife com ovo* indica diretamente no que consiste esse prato, ao contrário de *bife a cavalo*, expressão metafórica que nomeia o prato onde o ovo está por cima do bife. A expressão *a cavalo* não faz sentido para ele, temporariamente, já que sua afasia gerou uma dificuldade em superassociar *com ovo* com *a cavalo*. Como afirma Coudry (*op. cit.*):

A metáfora remete a uma escolha que torna ausente a expressão desejada a cavalo, concorrendo com outras palavras, que também não se anunciam. A solução foi descrever a expressão combinando bife e ovo no eixo metonímico (Jakobson, 1955/1970; 1956/1975), desdobrando a representação simbólica da expressão encoberta que deixa escapar a metáfora. (COUDRY, 2010: 24).

Um aspecto importante mencionado por Coudry (2010) é o efeito cômico criado no outro por um desajeito do corpo e da linguagem do eu que ficam fora da representação da cena. O riso se dá na comparação e na diferença que tecemos entre seus gestos e gestos possíveis, incluindo os gestos que faríamos. Há uma nova diferença (que pode variar) – que se aproxima mais e menos do sujeito – entre antes e depois de afásico – um outro sujeito que manipula mal a língua e o discurso, causando riso, provocando uma cena cômica, não sem um certo “drama”.

Uma abordagem complementar à apresentada por Coudry (*op. cit.*) acerca da posição do sujeito frente ao outro no cômico é realizada por Caneppele (2006) que, com base em Freud (1905/1927), aborda esse posicionamento do sujeito frente ao cômico como sendo diferente do que ocorre no chiste, a partir da participação do pré-consciente, no primeiro, que trabalha para manter e/ou aumentar a inibição, e do inconsciente, no segundo, que trabalha para diminuir a inibição.

Para a autora, o chiste depende de um trabalho do inconsciente e também pode ser conduzido a uma diferença, que se dá entre os modos de representação do pré-consciente e do inconsciente e, portanto, indicaria a retirada de um gesto de inibição viabilizando a aparição da cadeia de representações inconscientes (Freud, 1927: 222). Já o cômico não dependeria desse trabalho inconsciente, mas apenas da comparação entre as séries de representações pré-conscientes, posto que o comparado é da ordem do que no pré-consciente se sustenta como representação tanto do que se é como do que se espera ser – portanto, do que se idealiza para si mesmo, e é colocado como diferença alcançada em si mesmo.

Segundo Coudry (2010), as afasias, por causarem modificações em várias esferas da atividade humana, sendo a principal a linguagem, afetam também a vida psíquica, o corpo, a percepção, a atenção e a memória, provocando outras fissuras no já cindido sujeito da linguagem. Com a afasia, aparece um sujeito estrangeiro, um outro eu, também incompleto, que diz e faz coisas que não dizia/fazia. A proposta da ND é a imersão do sujeito no discurso – tomando distância de si e do discurso, o que dá mobilidade à barra que separa o normal do patológico,

considerando as vicissitudes que esse processo enfrenta, e fazendo contato com o drama nas afasias. (Coudry, a sair).

Seguem abaixo outros dados de fala, leitura e escrita de WW e suas análises:

**DADO 4:** Moza, Maza (27/03/2009).

Moza                      MAZA

**Contexto de produção:** Uma das atividades propostas para o grupo nesse dia consistia em escrever nomes de pessoas conhecidas, tais como familiares, amigos ou dos demais membros do grupo. WW escreveu corretamente o próprio nome e o dos filhos, mas apresentou dificuldades ao escrever *Maza*.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
1	WW		Escreve <i>Moza</i>	
2	Ilm	O que está escrito?		
3	WW	Me...	Não lê o que escreve	
4	Ilm	Não. O nome dela é Maza	Enfatiza a primeira sílaba	Aponto para o movimento de meus lábios ao dizer <i>Ma</i>
5	WW	Maza	Repete devagar	
6	Ilm	Muito bem. Então escreva outra vez. Ao invés do O, que letra vem aqui?		Aponto para a letra <i>o</i> em <i>Moza</i>
7	WW	A	Fala A e escreve <i>Maza</i>	

Nesse dado observa-se que, a princípio, WW não consegue escrever a palavra *Maza*, escrevendo, em seu lugar, *Moza*, ou seja, realizando uma substituição do *a* pelo *o*. No entanto, quando repito para ele em voz alta a palavra *Maza*, essa repetição, juntamente com os gestos articulatórios que a compõem, o auxiliam na recomposição da segunda imagem sonora da palavra, o que faz com que WW consiga reproduzir satisfatoriamente a palavra desejada, ainda

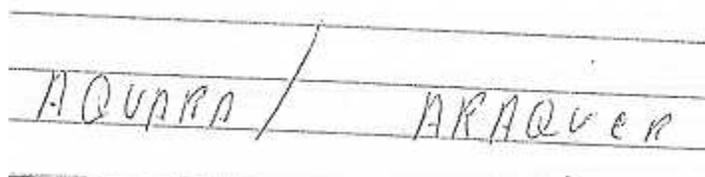
que com certa demora e após algumas tentativas nas quais ele produz outros sons involuntariamente, como *Me* (linha 3), o que pode ser um resíduo de M (eme), expressão mais automatizada que remete ao *velho da língua*. (Freud, 1891/1973; Coudry, 2010; Bordin, 2010.). Isso se dá devido à modificação na relação de concomitância entre a realização do ato motor e o som que representa/produz. Procuo mostrar a WW que as características de sua produção (*Moza*) são muito próximas daquela que ele busca (*Maza*), dado que a diferença se dá pelo fechamento ou abertura da vogal (*o* ou *a*), o que ajuda na compreensão do interlocutor, mas não deixa de dificultar a realização da alteração por WW, já que implica em um ajuste mínimo, ou seja, por se tratar da alteração de um único traço (*o* por *a*). A semelhança entre os segmentos marca o caminho muito mais próximo ao que deve ser, como se pode observar em suas produções, tanto orais quanto escritas, que apresentam, em geral, uma semelhança muito grande com a palavra ou segmento com que se relacionam.

WW necessita da representação visual da letra para que consiga corrigir a palavra que escreve, como se pode observar na linha 6, em que aponto para a letra *o* que ele escreveu em *Moza*. Segundo Coudry (2011), isso se deve ao fato de que:

O que, para crianças em fase de aprendizagem, torna-se automatizado depois de algum tempo em que escrevem, lêem, reescrevem, fazendo com que não mais necessitem da imagem visual no processo de escrita (tornando-se possível, dessa maneira, escrever no escuro, por exemplo), é impossibilitado na afasia, fazendo com que o afásico precise novamente do elemento visual. Ou seja, na afasia verbal, a concomitância entre percepção acústica/sonora, visual e ação motora/gestos articulatórios volta a ser difícil de ser realizada. (COUDRY, 2011: 07).

No momento em que aponto para meus lábios ao dizer o *a* de *Maza* e WW consegue falar e escrever essa palavra, há uma coincidência entre a minha fala e a fala/escrita dele, o que faz com que ele consiga recompor o eixo fala, leitura e escrita para esta palavra, restaurando a segunda imagem sonora da palavra.

**DADO 5:** Viagem para Araraquara (24/04/2009).



AQUARA / ARAQUER

**Contexto de produção:** Neste dia, durante a reunião do grupo, falávamos a respeito do feriado de Páscoa que se aproximava, e pedimos para que cada participante contasse aos demais para qual cidade pretendia viajar.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
1	WW	Aaa...		
2	Ilm	O quê? Para onde você vai?		
3	WW		Escreve em seu caderno <i>Aquara</i>	
4	Ilm	Ah, Araraquara ?		
5	WW	Isso!		Aponta para mim e faz um sinal de positivo
6	Ilm	Então tente escrever de novo		
7	WW		Escreve <i>Araquer</i> e lê com dificuldade o que escreveu	Faz um sinal de negativo com a cabeça
8	Ilm	É quase isso. Vamos tentar de novo?		
9	WW			Faz uma careta demonstrando que não quer continuar a escrever
10	Ilm	Está bem, mas então repita comigo: Araraquara!		Risos (devido ao tamanho da palavra)
11	WW			Risos. Faz um gesto com a mão para que eu faça uma pausa após cada sílaba
12	Ilm	A-ra-ra-qua-ra	A cada sílaba pronunciada, faço uma pausa para que ele repita	
13	WW	A-ra-ra-ca-ra	Repete cada sílaba que eu digo	Demonstra cansaço
14	Ilm	Muito bem, é quase isso!		

Nesse dado pode-se observar que, para falar, WW se utiliza do recurso da escrita, o que faz frequentemente. Entretanto, a escrita também foi afetada por conta de sua afasia verbal,

que quebra a concomitância entre os aspectos visual, sonoro, motor e cinestésico para falar, ler e escrever. Essa saída de WW – escrever para falar – corrobora a tese de Freud, que afirma que passar pela escrita, ou seja, pelo corpo, no ato motor de escrever, pode ser uma maneira encontrada pelo sujeito para refazer o trajeto que o levaria a dizer o nome desejado, criando, assim, de acordo com Coudry (2008), novas associações e superassociações. Como afirma Santana (1999), o ato de escrever funciona ainda como um *suporte* capaz de possibilitar a comunicação por parte do sujeito afásico, como uma espécie de mediação entre o que ele deseja falar e como pode fazer-se entender, o que faz com que ele avance na fala por meio da escrita.

É importante observar ainda que WW é quem interrompe sua própria escrita ao ler o que escreveu (*Araquer*), o que mostra que ler sua própria escrita retorna como uma reflexão epilinguística a respeito do que escreve, na tentativa de um restabelecimento do eixo fala, leitura e escrita modificado em decorrência da afasia. O fato de interromper o ato de escrever ao se dar conta de que a palavra está incorreta demonstra ainda a preservação da primeira imagem sonora da palavra, como proposto por Freud (1891/1973).

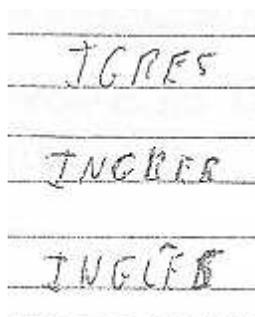
Para Freud (*op. cit.*), a leitura é mais próxima da fala do que a escrita. Segundo ele, a leitura é a realização do movimento da fala sem voz, que incorpora a primeira e a segunda imagem sonora da palavra, o apagamento das letras e o vozeamento de significados e, também, a submissão a certas regras pertinentes à leitura. De acordo com Bordin (2010), na leitura a palavra passa por dois momentos: um em que se descobre o som daquele conjunto de letras e outro em que se reconhece sua identidade na fala. Freud explica que há diferentes tipos de leitura e que a facilidade ou dificuldade de realizá-las determina seu grau de compreensão. Além disso, conforme a teorização proposta pela ND e com base em Freud (1891/1973), Coudry (2010) e Bordin (*op. cit.*) afirmam que diversos fatores interferem nisso, tais como a influência do interesse que o material desperta no leitor, a manutenção do foco de atenção que, desviado para a imagem sonora, impede a compreensão (quando ouvimos alguém lendo e não prestamos atenção no sentido veiculado nessa leitura, mas em como esse alguém lê) e a velocidade de sua realização.

Isso se torna perceptível no caso de WW ao observarmos que sua leitura em voz alta muitas vezes é prejudicada devido a sua atenção ser desviada para as dificuldades articulatórias para ler, bem como seus esforços. No dado acima, na intenção de escrever *Araraquara* ele

escreve *Araquer*. Ao tentar ler o que escreveu, um enorme esforço lhe é requerido e ele desiste, além de perceber, no decorrer da leitura, mais especificamente no momento correspondente à formação da primeira imagem sonora da palavra designado por Freud, em que são descobertos os sons daquele determinado grupo de letras (escritas por ele mesmo, no caso), que não havia escrito a palavra desejada da maneira correta.

Por sua vez, ao ser proposto que repetisse em seguida de mim cada sílaba da palavra, WW conseguiu o seu intento, em um processo semelhante à entrada da criança na linguagem, como relata Bordin (*op. cit.*) a qual se dá, sobretudo, por meio de dois processos principais, segundo Freud, os de **ouvir** e **repetir**. Como argumenta a autora, tais processos pressupõem a presença do outro para incitar na criança a cinestesia da movimentação dos órgãos de fala na repetição do movimento motor, objetivando o sentido pela aproximação da imagem sonora ouvida.

**DADO 6:** Inglês (26/06/2009).



**Contexto de produção:** Eu contava para WW sobre os idiomas que estudei na faculdade, e aproveitei para perguntar-lhe se ele também já havia estudado algum.

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
1	Ilm	Você já estudou alguma língua estrangeira?		
2	WW	Já!		Acena que sim com a cabeça
3	Ilm	Qual?		
4	WW	L...		Faz um sinal de negativo com

				a cabeça e pega seu caderno
5	Ilm	Então escreve pra mim		
6	WW		Escreve <i>Igres</i>	
7	Ilm	Ahn? Não entendi. Tenta escrever de novo.		
8	WW		Escreve <i>Ingrer</i>	
9	Ilm	A primeira sílaba está correta, o G também. Mas a palavra é Inglês	Enfatizo o <i>lês</i>	Aponto para meus lábios dizendo <i>lês</i>
10	WW	In... glês	Dá uma pausa entre as duas sílabas	
11	Ilm	Ótimo! É isso mesmo! Então tenta escrever pra mim de novo: <i>Inglês</i>	Enfatizo o <i>lês</i> novamente	Aponto para onde ele havia escrito <i>R (Ingrer)</i>
12	WW	Inglês!		Escreve <i>Inglês</i>
13	Ilm	Isso aí!		

Nesse dado é possível observar que as dificuldades no nível fonético-fonológico apresentadas na escrita de WW não ocorrem de maneira caótica. O fenômeno que ocorre aqui, a palavra *Ingrer* sendo escrita no lugar de *Inglês* é da mesma ordem do ocorrido no dado 1, em que, ao tentar escrever *cliente* e *plástico* WW aponta, em sua tabela com o alfabeto, para a letra *r* ao invés de *l*, ou seja, usa o tepe (*r*) no lugar da lateral (*l*), o que acontece na variedade de língua que fala, lugar em que se constitui como sujeito falante; lugar do sentido para Freud (1891/1973). Orientado, então, pelo sentido que já conhecia, ele escreve *Igres/Ingrer* no lugar de *Inglês*, realizando o que Freud (*op. cit.*) designa como *superassociação*, ou seja, superassocia *Inglês* com *Igres/Ingrer*, do modo como falava antes de afásico (Ingrês).

É necessário acrescentar, no entanto, que tal fenômeno não é da ordem do patológico, sendo, ao contrário, muito comum em diversas variedades linguísticas do português, sobretudo na oralidade. Como afirma Coudry (2008):

... mesmo para aqueles que dominam uma variedade mais próxima da padrão, a sequência de consoantes PR é uma possibilidade que a língua dispõe, tanto quanto PL, ou seja, trata-se de grupos consonantais possíveis na língua (como em presente; plano; problema; pleno; prato etc.), e isso não é um problema de fala, nem uma fala com problema. (COUDRY, 2008: 04).

Ainda de acordo com a autora (*op. cit.*), para Freud, todo sujeito que faz uso de um

dialeto realiza uma superassociação. Nos termos da ND, superassociar requer um trabalho linguístico-cognitivo complexo que envolve as funções psíquicas superiores, tais como linguagem, atenção, percepção, memória, práxis/corpo e raciocínio intelectual (Vygotsky, 1926/2004; Luria, 1976/1987; 1977), algumas das quais estão fortemente alteradas, no caso de WW, por conta de sua afasia verbal. Sendo assim, é necessária uma espécie de tradução (Jakobson, 1956/1975; Coudry, 2008), que mostra que a representação sonora e motora de *Igres/Ingrer* se aproxima da de *Inglês*.

**DADO 7:** São (14/08/2010).

**Contexto de produção:** Jogávamos com o grupo o jogo *Sem censura*, que consiste em uma série de cartas descrevendo situações polêmicas e uma pergunta acerca de qual seria a atitude do sujeito frente a elas. As cartas ficavam agrupadas no centro da mesa e, a cada rodada, um dos membros do grupo sorteava uma e a lia em voz alta. Cada participante recebia três cartas, cada uma contendo as palavras *sim*, *não* e *depende*, devendo escolher uma delas de acordo com sua resposta pessoal a cada pergunta. O objetivo do jogo é que os jogadores tentassem adivinhar as respostas uns dos outros diante de cada pergunta.

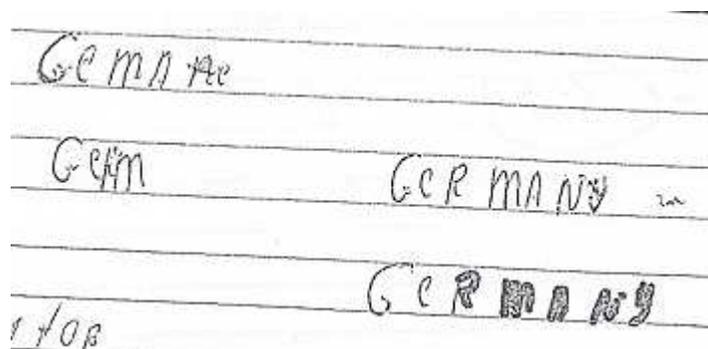
Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não-verbal
1	Ilm	A situação é essa: Você está em um grande supermercado, quando de repente vê uma mulher humilde, com uma criança no colo, roubando uma caixa de leite. Você a denuncia ao gerente?		
2	WW	<i>São</i>		Cada participante deveria responder sim, não ou talvez
4	Ilm	Sim ou não?		
5	WW	<i>São</i>		Mostra a carta escolhida (não) e faz sinal de negativo com a cabeça

Nesse dado é possível observar a aglutinação que WW realiza entre as palavras *Sim* e *Não*, que acabam por originar um novo enunciado: *São*. A hipótese levantada acerca do motivo pelo qual essa “nova” palavra foi proferida é a de que houve uma junção entre duas palavras opostas, mas que, muitas vezes, vêm acompanhadas uma da outra, ou seja, nas mais diversas situações e meios, como por exemplo, como alternativas a perguntas tanto orais quanto escritas, e que se dão nos mais variados contextos, desde conversas informais até o preenchimento de formulários e questionários, representando um registro automatizado para o sujeito.

*São*, neste dado, se apresenta como uma parafasia que mostra a funcionalidade reduzida do aparelho de linguagem e a solução de WW para representar sua dúvida entre *sim* e *não*.

Abaixo seguem outros excertos reproduzidos assim como encontrados no caderno de WW que, com o auxílio de um investigador, na maioria das vezes chegou à palavra desejada:

1. (24/04/2009).



The image shows four lines of handwriting on lined paper. The first line contains the word 'GEMNAE'. The second line contains 'GERM' followed by 'GERMANY' with a small mark to its right. The third line contains 'GERMANY'. The fourth line contains '1/08' followed by 'GERMANY'.

*GEMAAE GERM GERMANY GERMANY*

2. (18/09/2009).

A  
OVOL  
ÓCULOS

*A OVOL ÓCULOS*

3. (16/10/2009).

ALZI - ALINÇÃ - ALIAÇ - AZI

*ALZI- ALINÇÃ- ALIAÇ- AZI (Aliança)*

4. (16/10/2009).

INGRI

IGREJA

*INGRI IGREJA*

5. (16/10/2009).

ABR - ABRE - ABELHA -

*ABR- ABRE- ABELHA*

6. (16/10/2009).

VÔO - AVOCÃO - AVIC - AVIÃO - AVIÃO -

VÔO- AVOCÃO- AVIC- AVIÃO- AVIÃO

7. (23/10/2009).

SEX SEIX SEIS

SEX SEIX SEIS

8. (23/10/2009).

PAT PAIXÃO POT

PAT POT PAIXÃO

9. (30/10/2009).

AZOL (ARZ  
AZ- R / ARZOO  
ARROZ)

AZOL / ARZ AZ- RI / ARZOO ARROZ

10. (12/11/2010).

FIRMA - ~~FOR~~ ~~TOPO~~ FOTO

*FIRMA - FOR TOPO FOTO*

## Considerações finais

Neste trabalho, antes de nos atermos especificamente à abordagem dos conceitos fundamentais da obra *Sobre as Afasias*, foi discutido o fato de que as pesquisas e práticas envolvendo pacientes neurológicos, ainda que datando de épocas longínquas da medicina, compartilharam, até recentemente, no início do século XIX, de uma concepção localizacionista sobre o cérebro humano, que estaria, assim como qualquer outro órgão, sujeito a patologias específicas acompanhadas de determinadas alterações do funcionamento mental. A principal função da neurologia nesta época era reconhecer a natureza e a localização de doenças do sistema nervoso a partir dos sintomas e sinais externos, realizando uma correlação especular entre os pontos lesionados do cérebro e as funcionalidades afetadas, ou seja, era dotada de um determinismo orgânico.

Por oposição a esse modo de pensamento, por sua vez, surge o do neurologista inglês Hughlings Jackson, que propõe que os processos mentais e neurológicos sejam descritos separadamente, como concomitantes, sem que se estabeleçam relações de causa e efeito entre eles, mas sim considerando sua interdependência e funcionamento hierárquico. E foi nas ideias deste autor, em detrimento de outros de tendência localizacionista que estavam em voga no século XIX, como Meynert, Bastian, Charcot, Wernicke, Lichtheim e Grashey que Freud se baseou ao escrever sua obra *Sobre as Afasias*, tomando como base seus pressupostos e criticando muitos dos demais autores.

No capítulo que escreveu para o livro *Freud: Conflito e Cultura*, no qual retoma os caminhos dele quando neurofisiologista, Sacks (2000) relata que Freud foi considerado por Ernest Jones como *o Darwin da mente* e Edelman, em seu último livro sobre darwinismo neural, dedica-o à memória de Darwin e Freud. E não apenas ao Freud psicanalista, mas sim àquele que passou os primeiros vinte anos de sua vida profissional como neuroanatomista, neurologista clínico e neuro-teórico, onde estabeleceu as fundações sobre as quais sua futura teoria psicanalítica pôde ser construída.

Sacks (*op. cit.*) nos lembra ainda que há, evidentemente, inúmeras áreas na neurociência e na neuropsicologia, além dos estudos sobre as afasias, onde a influência de Freud, direta ou indiretamente, foi profunda. O próprio Luria era fascinado pelo trabalho do jovem

Freud, e escreveu a ele em 1922 a respeito da nova Sociedade Psicanalítica fundada em Kazan. Lúria estava ansioso, como revelou em sua autobiografia, *The Making of Mind*, para receber uma resposta cortês do grande homem, tendo endereçado sua carta ao *Sr. Presidente*, e pedindo a ele permissão para traduzir alguns de seus trabalhos para o russo.

Procurando sempre uma aproximação entre a normalidade e a patologia, em *Sobre as Afasias* Freud procura explicar como que muitas das alterações de linguagem presentes nos sujeitos afásicos também são encontradas em sujeitos normais, sendo que um dos principais fatores de diferenciação entre os dois estados seria a frequência em que tais alterações são produzidas em um ou no outro. Nesta obra, o então neurofisiologista já traz alguns dos conceitos que futuramente se tornariam pressupostos básicos da psicanálise, como a relevância das associações para a constituição, organização e recuperação da linguagem dos sujeitos, bem como a importância dos atos falhos e lapsos de linguagem na compreensão da psique.

[...] a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afetivos que o perturbam e com os quais, para dar um exemplo, os nossos conferencistas nos tornam com frequência penosa a audição. É óbvio considerar a parafasia na sua vasta acepção como um sintoma puramente funcional, como um sinal de funcionalidade reduzida do aparelho associativo da linguagem. (FREUD, 1891/1973: 09).

Ao aplicar os principais conceitos de *Sobre as Afasias* no acompanhamento linguístico longitudinal do sujeito WW, pode-se afirmar que sua afasia lhe apresenta uma dificuldade de natureza motora e sonora que afeta a seleção de sons, complicada pelos gestos articulatórios, para formar palavras e de palavras que se relacionam com outras no *continuum* da fala (Coudry, 2010). Tais características designam uma afasia de primeira ordem, de acordo com a classificação proposta por Freud em *Sobre as Afasias*, ou seja, uma **afasia verbal** em que são perturbadas as associações entre cada um dos elementos da representação da palavra, o que pode ter uma correspondência com os sintomas da afasia de Broca e com as duas afasias motoras de Lúria.

Por conta dessa afasia, WW não ajusta sua fala à do outro – como ocorre com a criança no processo de aquisição da linguagem – ou, ainda, à sua própria fala antes de ser afásico, quando ela ainda era mentalmente representada através da imagem sonora. Neste caso, o esboço

visual dado pelo outro tem o papel de recompor a concomitância entre os aspectos motor e sonoro, dado que o componente motor puro não caracteriza uma fala, já que não é dotado de sentido, elemento essencial para que ela se dê com compreensão, como foi visto nessa dissertação através das obras de Freud (1891/1973), Coudry (2006, 2008, 2009, 2010 e 2011– a sair) e Bordin (2010).

Ao longo do acompanhamento pôde-se concluir também que WW se apresentou mais motivado para falar e se envolver nas situações interativas propostas pelos pesquisadores aos membros do CCA, até mesmo sugerindo atividades que envolvem a prática da fala, leitura e escrita para serem realizadas em grupo, como por exemplo, a confecção de carteirinhas para identificação dos afásicos a fim de facilitar sua locomoção e lhes dar segurança em sua vida social, como por exemplo, ao serem abordados por guardas ao estacionarem seus carros em vagas especiais.

Com base nos pressupostos teóricos da ND que orientaram o acompanhamento longitudinal de WW e a escrita dessa dissertação, foi possível a reunião de um conjunto de dados representativos acerca da afasia verbal de WW e suas implicações na linguagem (fala, leitura e escrita) e, por consequência, em sua vida.

Através da análise dos dados é possível observar que, como investigadora, me propus a inserir WW em diferentes situações dialógicas cujo objetivo era fazê-lo entrar em contato com suas dificuldades decorrentes da afasia, a fim de buscar diferentes meios para enfrentá-las e refazer os caminhos de sua linguagem, sempre por meio do eixo fala, leitura e escrita.

Também pôde-se observar que as atividades envolvendo temáticas relacionadas ao cotidiano e interesses pessoais de WW obtiveram mais êxito, no sentido de que ele se apresentava mais motivado para realizá-las e também pelo fato de que as palavras carregadas de sentido e afeto para ele, como o nome de familiares e situações importantes de sua vida eram ditas, lidas e escritas com mais desenvoltura, por se tratarem de associações mais cristalizadas pelo sujeito, o que corrobora o pressuposto inicial da Neurolinguística de cunho discursivo de que as categorias psíquicas, sociais e histórico-culturais são fundamentais para a compreensão dos fenômenos cerebrais em estados normais e patológicos.

O estudo neurolinguístico do caso do sujeito WW à luz da obra *Sobre as Afasias* de Freud indica ainda que a linguagem, bem como o cérebro, são sistemas onde atuam vários

subsistemas e não podem ser reduzidos à soma de suas partes, resultando, segundo Coudry (2010), *de um funcionamento em concerto, mais e menos harmonioso, que se realiza por meio de um sujeito que fala com outros, mais e menos vulnerável, incompleto e produto da civilização.* (Coudry, 2010: 32).

Como nos lembra a autora (*op. cit.*), é válido ressaltar ainda a importância do grupo para lidar com a linguagem nas afasias. Para ela, ele atua como um microcosmo da espécie humana, onde estão contidas suas crenças, atitudes, valores e diferentes possibilidades de trilhar caminhos diretos ou indiretos para se chegar ao sentido. No grupo os sujeitos aprendem a rir de si mesmos e a ter o prazer do cômico – o que permite conviver com o drama nas afasias que modifica a relação do sujeito com a língua, o discurso, o eu e o outro, já que *desfrutando do cômico enfrentamos o drama.* (Coudry, 2010: 32).

As experiências que WW vivenciou no CCA, tanto no acompanhamento longitudinal individual como no coletivo, respaldados pela teorização proposta pela ND, acrescida da reflexão realizada nesta pesquisa, apontam para como o exercício de um afásico em dizer de novo/repetir quando situações parecidas se apresentam outra vez não deixa de ser uma realidade na vida de qualquer falante. Há coisas que dizemos sempre em determinadas situações, sendo que falar, ler e escrever implicam uma tendência para a repetição. É como nos diz a autora (2009): *um mesmo nome se apresenta todo dia. Um lugar que retornamos sempre. Ações, práticas e hábitos rotineiros.* A afasia dificulta o acesso à repetição, colocando o afásico em um lugar de *aprendiz inicial da própria língua, até que, lidando com as dificuldades que se apresentam, soluções que voltam a ocorrer em outras situações possam se fixar como possibilidades de repetição.* (Coudry, 2009: 09).

Segundo a autora (*op. cit.*), se antes a fala transcorria como natural – com todas as marcas da fala humana, ora, incompleta, às vezes hesitante, etc. – no estado afásico as palavras não estão mais disponíveis ao falante como antes, havendo uma *quebra* no fluxo do discurso que afeta as condições em que se organiza a língua, já que o que a constitui (o sistema sonoro, fonológico, o fundo lexical comum, os arranjos sintáticos e as leis pragmáticas) em seu funcionamento normal, deixam de funcionar como antes. O acesso a gestos articulatórios e motores, para compor a prática da linguagem e suas relações no eixo fala, leitura e escrita estão dificultados, como vemos nos dados de WW.

A afasia verbal modifica a concomitância entre combinações e seleções (Jakobson, 1955/1970; 1956/1975), o que tem efeitos no eixo fala, leitura e escrita. Por outro lado, o afásico, em um ambiente discursivo, produz rearranjos para falar/fazer sentido por diferentes caminhos que, muitas vezes, podem se apresentar como uma relação não-oficial, um *gato*, nas palavras de Coudry (2009) que recupera o *velho da língua* (Freud, 1891/1973), ou seja, o conhecido, não em sua forma original, mas como produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não-verbais. O mesmo acontece no nível da unidade funcional da palavra quando se tem preservada a imagem sonora da palavra conhecida, já dita, ou seja, o velho da língua que se apresenta sem a sua correspondência motora e a segunda imagem sonora da palavra. Nesse caso, o afásico sabe o que quer dizer e os gestos articulatórios do velho da língua lhe fazem falta, o que pode redundar em novos arranjos que se configuram como parafasias ou atos falhos. Para Freud, isso é possível porque o aparelho de linguagem tem campos corticais de atuação contínua em que os processos fisiológico e psíquico funcionam em concomitância e dependência, não sendo necessário que um deixe de funcionar para que o outro tenha início. Toda experiência do sujeito deixa marcas na relação do fisiológico com o psíquico, que constitui o substrato neural. Tais marcas se configuram como registros de um processo que tem início com a percepção e, por isso, não se pode desvincular percepção de associação: (...) *são dois termos com os quais descrevemos diferentes aspectos de um mesmo processo*. (Freud, 1891/1973: 71).

Os estudos sobre as afasias realizados em um ambiente no qual convivem sujeitos afásicos e não-afásicos permitem, ainda, analisar o quão semelhantes são os processos enfrentados pelos sujeitos tanto no estado patológico quanto no normal, dado que ambos lançam mão dos mesmos processos psíquicos, sendo, como afirma Coudry (2009) *aqueles [os afásicos] mais vulneráveis às intercorrências que tornam o exercício da linguagem imerso no improviso*. (Coudry, 2009: 32).

## Referências bibliográficas

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita.** In: Castro, Maria Fausta Pereira de (Org.) O Método e o dado no estudo da linguagem. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p.111-163.

\_\_\_\_\_.; COUDRY, Maria Irma Hadler. **Em torno de sujeitos e de olhares.** In: Estudos da Língua(agem). Vitória da Conquista, vol. 6, n.o 2. p. 171-191, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1929/1984.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional e Ed. da USP, vol. 1, 1966.

BORDIN, Sonia Sellin. **Fala, Leitura e Escrita: encontro entre sujeitos.** Campinas: UNICAMP, 2010. Tese (doutorado).

CANEPPELE, Alessandra. **O cômico da afasia.** Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, 2006.

\_\_\_\_\_. **O ouvido, a boca e o olho: a psicanálise entre o apagamento e a memória dos procedimentos de linguagem.** Texto apresentado no I Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise, 2007.

CAROPRESO, Fátima. **A influência de Hughlings Jackson sobre a teoria freudiana da memória e do aparelho psíquico.** Mental, dic. 2008, vol.6, n.o 11, p.58. ISSN 1679-4427.

CARVALHO, Lucilene de. **Zur Auffassung der Aphasien: A vigência de Freud para o estudo lingüístico das afasias.** Campinas: UNICAMP, 2001. Dissertação (mestrado).

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **O que é dado em Neurolingüística?** In: Castro, Maria Fausta. (Org.) O método e o Dado no estudo da Linguagem. Campinas: Editora da Unicamp, (1991/1996).

\_\_\_\_\_. **Neurolingüística e Lingüística.** In: Damasceno, Benito Pereira & Coudry, Maria Irma Hadler (Editores). Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística. São Paulo: Tec Art, 1995, vol. IV.

\_\_\_\_\_. **Afasia e subjetividade.** XLVI Seminários do GEL. São José do Rio Preto: Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Discurso e subjetividade no contexto patológico.** III Colóquio Latinoamericano de Estudios del Discurso. Santiago: 1999.

\_\_\_\_\_. **Neurolingüística Discursiva: Afasia como tradução.** In: Estudos da Língua (gem). Vitória da Conquista, vol. 6, n.o 2. p 7-36, dezembro de 2008.

\_\_\_\_\_. **Eu li a praca. Pírua ou pílula? Encontro entre a Sócio e a Neurolingüística.** Texto vinculado ao “Projeto Integrado em Neurolingüística: práticas com a linguagem e documentação de dados” - CNPq: 307227/2009-0; Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa/UNICAMP, n.o 326/2008.

\_\_\_\_\_. **Cômico e drama nas afasias** (a sair).

\_\_\_\_\_. **Relatório de Pesquisa do Projeto Integrado em Neurolingüística: avaliação e banco de dados** (impresso, 65 p.), CNPq, 2010.

\_\_\_\_\_. **Excesso de patologização na escola e na clínica** (a sair).

\_\_\_\_\_; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; GOMES, Tatiana de Melo. **Sem falar, escrever, ler, e ainda sujeito na linguagem.** In: Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1375-1384, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pressupostos teórico-clínicos da Neurolingüística Discursiva (ND).** (a sair).

\_\_\_\_\_; MORATO, Edwiges Maria. **A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos 15, Campinas, p. 127-135, 1988.

\_\_\_\_\_. **Aspectos discursivos da afasia semântica.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos 19, Campinas, p. 127-146, 1990.

\_\_\_\_\_; POSSENTI, Sírio. **Avaliar discursos patológicos.** In: Cadernos de Estudos Lingüísticos 5, Campinas, p. 99-109, 1983.

FERENCZI, Sándor. **Psicanálise.** In: Obras completas. Martins Fontes, São Paulo: 1930/1992. vol. IV.

FRANCHI, Carlos. **Linguagem: atividade constitutiva.** In: Almanaque, 5. São Paulo: Brasiliense, p. 9-27, 1977.

FREIRE, Fernanda Maria Pereira. **Agenda Mágica: Linguagem e Memória.** Campinas: UNICAMP, 2005. Tese (doutorado).

FREUD, Sigmund. **A interpretação das afasias.** Lisboa, Edições 70: 1891/1977.

\_\_\_\_\_. **Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1980. vol. I.

\_\_\_\_\_. **La Afasia.** Buenos Aires: Nueva Vision, 1891/1973.

\_\_\_\_\_. **Os chistes e sua relação com o inconsciente.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1969. vol. VIII.

\_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1980. vol. I.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1901/1980. vol. VI.

\_\_\_\_\_. **Um estudo autobiográfico.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1925/1980. vol. XX.

GABBI JR., Osmyr Faria. **Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana.** In: B. Prado Jr. (Org.), *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 181- 198.

\_\_\_\_\_. **Freud: racionalidade, sentido e referência.** Campinas: Unicamp, 1994.

GIANNOTTI, José Arthur. **John Stuart Mill: o psicologismo e a fundamentação da lógica.** In: *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, n.269, 1964.

HONDA, Helio. **Raízes britânicas da psicanálise: as apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud.** Campinas: UNICAMP, 2002. Tese (doutorado).

ISHARA, Cinthia. **A-FA-SI-A: Um sujeito em cena.** Campinas, UNICAMP, 2008. Dissertação (mestrado).

JACKSON, John Hughlings. **Evolution and dissolution of the nervous system.** In: *Selected writings of John Hughlings Jackson*. London: Staples Press, (1884/1958). vol. 2, p. 45-75.

JAKOBSON, Roman. **A afasia como um problema lingüístico.** In: *Nova Perspectivas Lingüísticas*. Miriam Lemle e Yonne Leite (orgs.). Petrópolis: Vozes, 1955/1970.

\_\_\_\_\_. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia.** In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1956/1975.

KLEPPA, Lou-Ann. **Fala reduzida em sujeitos afásicos e outros registros.** In: Estudos Linguísticos, São Paulo, 38 (2). p. 249-258, maio-agosto de 2009.

LURIA, Alexander Romanovich. **Neuropsychological Studies in Aphasia.** Amsterdam: Swets & Zeitlinger B.V, 1977.

\_\_\_\_\_. **Curso de psicologia geral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. vols. I a IV.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de Neuropsicologia.** São Paulo: EDUSP, 1981.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1976/1986.

MENTE E CÉREBRO. Memória da Psicanálise: **Sigmund Freud – O despertar do Inconsciente.** São Paulo: Editora Duetto, 2009.

MILL, John Stuart. **Um exame de filosofia de Sir William Hamilton.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

\_\_\_\_\_. **Sistema da lógica dedutiva e indutiva.** In: Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

MORAES, Maria Rita Salzano. **Materna/Estrangeira. O que Freud fez da língua.** Campinas: UNICAMP, 1999. Tese (doutorado).

PEROTTINO, Silvana. **Sob a condição de não-falar de uma criança: a escrita de caso JM.** Campinas: UNICAMP, 2009. Tese (doutorado).

RAPP, Carola. **A palavra paralela? Uma revisão do conceito de parafasia.** Campinas: UNICAMP, 2003. Tese (doutorado).

SACKS, Oliver. **A outra estrada – Freud como neurologista.** In: Roth, Michael (Org.) Freud-Conflito e Cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SANTANA, Ana Paula de Oliveira. **O lugar da linguagem escrita na afasiologia: implicações e perspectivas para a Neurolingüística.** Campinas: UNICAMP, 1999. Dissertação (mestrado).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1966/2006.

STENGEL, Edmund. Prefácio. In: Freud, Sigmund. **La afasia.** Buenos Aires: Nueva Vision, 1891/1973.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 1926/2004.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1931/2000.

ZANIBONI, Lílian Fátima. **A contribuição da Neurolingüística Discursiva para a Fonoaudiologia na construção de um novo olhar sobre a linguagem de sujeitos cérebros-lesados.** Campinas: UNICAMP, 2007. Tese (doutorado).